ANO 27.º — Número 1398 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 12 de Outubro de 1958

Director, editor e proprietário
António Dias Pinto de Castro

Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4315

# Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381

VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

SUA SANTIDADE PIO XII

Morreu o Papa. Não, o Papa não morre. O Papa é imortal. Assim o proclamou Jesus Cristo, quando instituiu a Igreja.

Este que agora desaparece da terra, onde tudo que nasce morre, e até o próprio Cristo morreu, foi enfileirado na longa teoria dos escolhidos de Cristo para governar a sua Igreja na Terra e serem os seus representantes no seio da Instituição que Ele veio fundar. Foi receber o prémio do seu intenso labor na sustentação da tiara de S. Pedro.

A Igreja está de luto. O Mundo sofreu um choque violento ao ouvir a comunicação da Rádio do Vaticano. Morreu Pio XII!

Os próprios inimigos dobraram a cerviz, inclinando-se respeitosos diante do gigante que tombou. Não mais percorrerá as sendas do seu jardim, não mais levantará o braço para abençoar amigos e inimigos, não mais serão ouvidos os gritos de triunfo, ao percorrer as naves de S. Pedro, na sua cadeira gestatória, saudando Pio XII.

Não mais a população da terra inteira escutará, embevecida, as sábias lições que dava ao Mundo, sobre todos os assuntos da ciência, da moral e da acção social. Morreu o Papa mais sábio, humanamente de mais largas visões, de mais apurado conhecimento das leis divinas e humanas. A sua inteligência fulgurante, a sua vivacidade comunicante, o seu conselho sapientíssimo, tudo desapareceu no leito doloroso da morte.

Curvemo-nos diante do cadáver, invólucro passageiro do mais nobre espírito, conformando-nos com os decretos sapientíssimos da Providência, que tudo prevê e tudo regula, sem falhas. Faz falta, dirão. Faz. Tinha o mundo preso à sua mão. Confiava-se na sua sabedoria e prudência para orientar o Mundo revolto.

Este esperava d'Ele a paz e a concórdia entre os homens desorientados. Deus não dorme. Ele sabe o que nos convém. Ninguém avalia melhor o que faz falta à Igreja e aos homens aos quais Cristo veio trazer o resgate.

A Providência divina levou-O tão rápida e suavemente porque quis confiar o peso da sua tiara a outras mãos mais jovens e operosas, aliviando, quem tanto trabalhou, do peso que a outro reserva.

O Papa morreu. Outro surgirá, com as luzes e força que Deus não nega, porque prometeu. «Estarei convosco até ao fim dos tempos».

Prostremo-nos confiantes e oremos para que Deus não nos abandone nesta hora tão incerta.

Requiescat in pace.

# A Barrinha de Esmoriz

**Dr. Júlio Sores Leite.**

Várias são as praias, além do Douro e até Aveiro, bem conhecidas da maioria dos portugueses de Entre-Douro e Vouga.

Dentre elas são ainda bastante frequentadas pelos minhotos as praias de Miramar, Aguda, Granja e Espinho, e muito principalmente as a últimas de grande nomeada nos centros aristocráticos.

Não é a nenhuma dessas que me quero referir. E' antes à barrinha e praia de Esmoriz, onde tive ocasião de passar alguns dias de repouso e de meditação junto daquele mar imenso que dali se disfruta...

E' também desse mar ora barulhento, nervoso, excitado, de marés vivas, alterosas, espumando raivosamente através da extensa praia, querendo sorvê-la com um desses troantes vagalhões, ora calmo, silencioso, beijando com doçura a areia espelhante e fina, que se estende a nossos pés, que eu procurarei recordar algumas imagens que conservo ainda.

E' maravilhosa aquela enorme mancha de água que se estende ao largo, sem penedos, sem algas, despida quase sempre de barcos...

E' linda mas também nonótoma! O pescador da região raramente agora vai ao mar, a não ser com marés de feição. O seu trabalho no mar hoje não é compensador e as «Companhas» de outrora, e que há bem poucos anos se viam, terminaram. O lançamento das redes enormes por 2 barcos, fazendo o cerco ao peixe e retiradas para a praia com bois a puchar pelas extremidades das referidas redes, já se não vê em Esmoriz. O que se verifica ali é que os pescadores mudaram de ofício e passaram a pescar areia. Construiram carros de rodas largas e os bois que antigamente puxavam às cordas das redes, hoje arrastam carros de areia para uso da construção civil.

E aqueles barcos, com todos os caracteres da arte fenícia, estão ali na areia com as leivas ao sol e alguns já a apodrecer. Com interesse verificamos que todos os habitantes da orla marítima de Esmoriz a Aveiro mantêm ainda bem nítidos muitos caracteres da civilização fenícia. Quem não tem reparado nos barcos da ria de Aveiro? Quem não assistiu já à conversa entre dois pescadores da região, em voz plangente, cadenciada e por vezes cantante?

São assim aqueles homens do mar, como o são os de Vila do Conde ou da Póvoa de Varzim.

Mas creio que naquela região como no Furadouro ou Aveiro os caracteres fenícios são mais nítidos, mostrando-os até no seu aspecto comercial, trocando o mar pela areia, e pela aventura, emigrando.

Mas não é só o mar que nos prende a Esmoriz com todo o seu sossego, solidão e monotonidade do horizonte marítimo, propenso à divagação espiritual. Há ali mais paisagens que nos encantam e também divertem: a Barrinha com todos os seus atractivos, e a

*Continua na 2.ª página.*

# Lamentável

**Dr. Brochado Teixeira.**

Publicou-se há escassos dias, em Lisboa, um Livro a que se deu o título de «*Sobre a declaração de voto de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo do Porto*», da autoria do Senhor Doutor Manuel Anselmo.

Nada naveria a dizer se nessa publicação o autor se houvesse limitado à crítica serena, imparcial, objectiva e correcta duma carta que, pelos vistos, Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo do Porto escreveu ao Senhor Presidente do Conselho.

Pelo menos se não houvesse sido injuriado, como foi, um dos mais Altos Valores da Igreja Católica, «*predestinado, pelo Santíssimo Sacramento da Ordem, a contactar diàriamente com o corpo e o sangue vivos da maior vítima da História, vítima que o foi, também,* (o sublinhado é nosso) *da colaboração sacerdotal prestada, então, a facções políticas, tão evidentes e ferozes como as de hoje*».

Ataca o Senhor Doutor Manuel Anselmo as críticas ou meras considerações de Sua Excelência Reverendíssima e nisso está no seu plenfssimo direito. Mas que ao fazê-lo, ou que para o fazer, tivesse recorrido ao insulto e injúria é que não é admissível mormente quando o atingido é uma proeminente figura da Igreja.

Nenhum católico — e por graça de Deus nós somo-lo profundamente — pode ler sem revolta, sem considerar um ataque à Religião que a Lei Constitucional considera ser a da Nação, as séries de comentários feitos a afirmações de Sua Excelência Reverendíssima.

Alguns exemplos bastarão para elucidar completamente o desgosto e a lástima que sentimos pela forma como foi tratado um Príncipe da Igreja.

Transcreve o Autor esta afirmação do Venerando Antístete:

«Quero sobretudo e antes de tudo acentuar que aquilo que se põe à minha consciência é um problema directamente da Igreja»,

atento que «a grande e trágica realidade, que já se conhecia mas que a campanha eleitoral revelou de forma irrefragável e escandalosa (sic), é que a Igreja em Portugal está perdendo a confiança dos seus melhores».

Diz o Snr. Doutor Anselmo:

*Reverenda trapalhada esta!*

E talvez por assim o considerar, adiante escreve (pág. 70):

«Fala o Senhor Bispo do Porto, no final desta tenebrosa epístola... na sua «recta intenção». Não creio inteiramente nela, perdoe-me Sua Excelência Reverendíssima, uma vez que tão reconhecível é a adesão revolucionária que arde nas linhas desta sua carta «pela qual» traiu Sua Excelência Reverendíssima os seus deveres episcopais».

Duvidar das intenções do Senhor Bispo do Porto, considerá-lo tenebroso e traidor, é francamente demasiado para um católico.

Afirmar que «E' um Bispo que se revela um cavalo (!!!) de Tróia da Desordem e da Subversão»;

que determinada afirmação episcopal «revela o carácter subversivo da epístola vermelha do Senhor Bispo do Porto»;

que, notando divergências de opinião entre o Senhor Bispo do Porto e Padre Leep, «a colaboração com o marxismo toma vários cambiantes»;

que «escrevendo esta carta, demonstra inexoràvelmente o Senhor Bispo do Porto que se aproxima de Marx ao considerar a classe operária como messiânica, isto é, capaz de merecer as esperanças de que, com as suas reivindicações através do tal «são e auto-dirigido sindicalismo», acabe por impor a Portugal e ao Mundo a mais justa solução da questão social»;

que «revela um vocabulário político social muito suspeito»;

que «a catilinária do Senhor Bispo do Porto utiliza o erro e a inexactidão para extrair efeitos políticos e verter, sobre o operariado português, autênticas lágrimas de crocodilo»;

que «o sapateiro Bandarra pode descansar em paz: já tem um substituto condigno».

Arrepia a sensibilidade moral dum católico que se lembra que o respeito devido aos representantes de Deus na terra está na base e é exigido pela religião que se professa.

E' de lamentar que tal possa ter acontecido, mas Sua Excelência Reverendíssima, não se sentindo pessoalmente atingido mas sim atacada e desprestigiada a Igreja que Representa, há-de orar pela remissão do Pecado e às Suas orações juntar-se-ão as de todos os verdadeiros Católicos.

Escrito o livro em causa no curto espaço de cinco dias (6 a 10 de Setembro de 1958), é possivel que aquelas infelizes expressões possam encontrar explicação — embora não justificação — no próprio factor tempo, sempre inimigo da serenidade e ponderação.

Isto porque, noutros passos, o Senhor Doutor Manuel Anselmo faz uma crítica ponderada e calma, a que, embora não aderamos, em todo o caso apreciamos como «crítica».

A fls. 16 escreveu o autor: «Cita Sua Excelência Reverendíssima, em abono da sua grave afirmação, de que a Igreja em Portugal, está a provocar a desconfiança dos seus

*Continua na 2.ª página.*

APONTAMENTO.

(Retardado)

# OUTONO...

... Por tarde de Setembro, tarde mansa, — mansa e morna qual bafo de criança —, o Outono, o senhor Outono, de passagem por minha porta deixara seu amável cartão-de-*visita*... Cortezia excessiva. Sabia-o cá, sabia-o entre nós...

... Nos castanheiros, hilariantemente rindo os ouriços arreganham, «pingam»... Nas ruas, desde dias se ouve:

«Vamos às quentinhas...»

Estavamos, pois, no Outono...

.....

Dos do Outono já outoniços, apagados pregões, minha saudade lembra o de certa castanheira velhota, morando ali nas antigas, demolidas Carvalhas, a S. Francisco... Não era bonita, nem feia... Assim..., assim... Tinha no rosto bem identificativo sinal...

De meã estatura, nutridinha, à ilharga cingindo bem abafado panelo, as ruas, os lugares todos os dias calcurriava —, em voz cantante, bem timbrada, menineira voz, — pregoando:

«Me-ni-nas quen-tes e gran-des...»

... Não sei porquê, mas este distante pregão da velhota, simpática castanheira, para sempre ficará em meus ouvidos... E não sei porquê também esse pregão sempre me fazia lembrar que era chegado o Outono, esse Outono dos poentes melancólicos, — como certos doentios versos do melancólico Poeta do *Só*...

.....

Decorre pouco, quase nada poético este Outono das colheitas, das desfolhadas, das vindimas...

Não há, não se nota aquela alegria, aquele arruído que remoçava os velhos agrícolas, espicaçava mais os novos, tornava ainda mais lindas as lindas, anchudas camponesas...

... Nas eiras, sol-de-pouca-dura, faina-se a interregnos, negaçamente, — alegria esparsa, que não chega a ser alegria...

... Nos campos, nas vinhas, não se ouve aquele insistente, berrado «vai-e-torna, torna, torna!», dos afoitantes vindimadores...

...Os pisadores animando, não se ouvem, à beira dos lagares, a rústica tocata, os afoitos cantares...

Tudo se faz como que em sovina festa familiar, — evitando-se indesejáveis, intrometíveis «convivas»...

.....

Decorre assim, assim decorre este *atómico, hidrogénico* Outono...

Mas..., mas... Ele, o Outono, mais uma vez se irá... Outro Inverno teremos... Depois..., depois..., outra vez será Primavera!...

A vida..., a vida... Vida nossa, vida das folhas, — que más brisas desprendem, levam, em remoinhar louco!...

«Me-ni-nas quen-tes e gran-des...»

1958.

ALBERTO DE MACEDO.

# OS POBRES

Parece que alguém tem estranhado que nesta cidade apareçam alguns pobres a mendigar uma esmola, sem, contudo, se informar da proveniência dos mesmos, visto que, em geral, o maior número não é de Guimarães, como, aliás, por vezes já se tem verificado. Alem disso, o cenário da pobreza torna-se maia flagrante em outras terras, onde a impertinência desses infelizes se torna mais notória. Por isso, só quem não tiver palmilhado terras de outros concelhos é que poderá ajuizar mal do que, nesse sentido, se passa em Guimarães.

O ideal seria — bem o sabemos — que nem em Guimarães, nem em qualquer outra parte aparecesse um único mendigo, mas a verdade é que trata-se dum pormenor da vida que, em maior ou menor escala, se encontra espalhado por todo o mundo.

Em Guimarães, graças à caridade dos vimaranenses, sobretudo dos que sabem compreender e sentir as consequências do sofrimento alheio, não vemos motivos para grandes alarmes, embora exista pobreza. Por outro lado, as conferências de S. Vicente de Paulo, quer nas freguesias da cidade, quer noutras do concelho, assim como as Casas dos Pobres, e estas subsidiadas com verbas importantes pela Câmara Municipal, não descuram a protecção que é devida àqueles que necessitam do que não faz falta aos seus semelhantes que vivem em condições de os socorrer, sendo certo que alguns destes, desnorteados pela avareza ou pela dureza do coração, não consideram o pobre com direito à vida.

Porém, estas excepções não turvam a claridade do ambiente assistencial que se encontra em Guimarães, representado por várias Instituições de Assistência, cada uma com as suas modalidades integradas no amor do próximo.

Não chega, ainda, o que se faz?

Estamos de acordo que não, mas, como «de hora em hora Deus melhora», esperemos que se possa fazer mais e melhor, mas não deixemos de fazer justiça a quem devotadamente atende ao problema da Assistência em Guimarães.

Acima de tudo, essa justiça.

X.

# GAZETILHA

## Anda caça pelos montes...

*Os crentes de Santo Huberto*
*não viram o sol esperto,*
*para a abertura da caça:*
*— tiveram o céu de luto,*
*e o soalho nada enxuto*
*por montes de sua graça...*

*Mesmo assim, as caçadeiras*
*saltaram das prateleiras,*
*dos arrumos do armário:*
*— e, de canos reluzentes,*
*lá se foram, inclementes,*
*a cumprir o seu fadário...*

*Como as «fébras» estão caras*
*e, além disso, muito avaras,*
*por causa da tal* aftosa*:*
*— alegraram-se os compadres,*
*satisfeitas as comadres,*
*na promessa dadivosa...*

*Mas os láparos, coitados,*
*na lura refastelados*
*por não sentirem calores:*
*— vendo as nuvens a suar,*
*lá se deixaram ficar,*
*a rir-se dos caçadores...*

*Não foi o tempo à feição*
*de caças a corricão,*
*por ser bravio desporto:*
*— outras havendo, assás mansas,*
*que fartam ditosas panças*
*em saboroso conforto...*

*E, na fuga ao vendaval,*
*não pensaram menos mal*
*o rezar por outras contas;*
*— e, em retiros mui pacatos,*
*visaram «caça», nos pratos,*
*com armas... de cinco pontas!...*

**Ortigão.**

# VIDA MUSICAL

## Mestre Eurico Thomaz de Lima e o seu Curso de Piano em Guimarães

Na última quarta-feira esteve na Redacção do nosso Jornal, a apresentar-nos os seus cumprimentos, o ilustre pianista e compositor Eurico Thomaz de Lima, que veio dar início ao ano lectivo de 1958-1959, do seu «Curso de Guimarães».

Entre nós, quando quase todas as iniciativas artísticas e culturais sossobraram, é de aplaudir e louvar a acção pedagógica que Eurico Thomaz de Lima vem desenvolvendo, sem desfalecimento, com o seu Curso de Piano, em Guimarães, coroado de êxito, assinalado pelas apresentações públicas dos seus discípulos em oito audições, nesta cidade, e em duas, no Porto, e que vai entrar no 14.º ano da sua fundação.

# Boas refeições

Há quem tenha a impressão de que as boas refeições devem ser muito complicadas e que serão tanto melhores quanto mais caras forem.

Outros supõem que é preciso comer muito e beber mais, ignorando que, afinal, o homem vive só do que assimila e que a capacidade de assimilação do organismo não é elástica. Portanto, comer demasiado, pode ser, pelo menos, tão prejudicial como comer pouco. De resto, a sobriedade nunca fez mal a ninguém.

O melhor cozinheiro do mundo e o grande amigo da saúde é, além disso, o apetite espontâneo, isto é, a pura e simplicíssima vontade de comer, que nasce pela mesma razão que o Sol brilha e a Terra gira. Não precisa de excitantes.

A própria fome, quando satisfeita oportunamente, opera por vezes como um grande médico e chega a fazer milagres. E um pouco de pão de milho, com quatro azeitonas e uma cebola, pode ser tão útil ao organismo não doente, tão alimentar e tão saudável, como peru recheado, lampreia ou caviar.

O problema da alimentação é demasiado importante para estar submetido apenas aos devaneios do luxo ou dos sequiosos de grandezas gastronómicas, visto que a natureza não compreende esses luxos e não aceita essas grandezas. Por vezes reage, até, violentamente contra todos os excessos, atirando com a vítima para o coval do cemitério.

A própria simplicidade exagerada é outro excesso que convém evitar sàbiamente. O ideal seria uma refeição sã, sem grandes complicações de refogados e excitantes, não demasiado abundante e preparada higièmicamente, isto é, rodeada de todos os cuidados possíveis, desde a limpeza das mãos ao asseio dos pratos e talheres.

São cuidados alimentares para quem desejar ter boa saúde e, tratando-se de crianças, absolutamente necessários.

A elaboração de uma ementa é sempre problema delicado, sobretudo quando se trata de doentes, pois nesse caso convém não fazer nada sem consultar o médico, que é o especialista indicado para emitir pareceres fundamentados.

Entretanto, e de um modo geral, lembramos os *elementos essenciais* das três refeições diárias:

Pequeno almoço — Leite, pão, manteiga. Almoço (tarde) — Pão, sopa, carne ou peixe, legumes. salada, fruta bem madura. Jantar (noite) — Pão, sopa, verduras, queijo ou ovos, legumes e fruta madura.

Em princípio, e salvo casos especiais, é aconselhável que em cada refeição estejam sempre presentes alimentos de alto valor nutritivo mineralizante, e estão neste caso o leite, o queijo, a manteiga, o mel, alface, rabanetes, agriões, couve, nozes, avelãs, laranjas, uvas, cerejas, bananas, e, de um modo geral, todas as frutas bem maduras. Fugir, porém, de abusos ou excessos, pois no encantador equilíbrio do necesário está o segredo da grande riqueza da saúde.

# Vida Rotária

Durante a reunião de 4.ª-feira do Rotary Clube de Guimarães, à qual presidiu o sr. Antonino Dias de Castro, secretariado pelo sr. José Machado Teixeira, que deu conta do expediente, foram tratados diversos assuntos, tendo usado da palavra os srs. dr. Alvaro Marinho, Armando Martins R. da Silva, eng.º Helder Rocha e Manuel Paulino Ferreira Leite.

Foram tomadas algumas resoluções e feita a quete habitual.

# Lamentável

*Continuação da 1.ª página*

melhores — processo que o Senhor Bispo do Porto não sabe se está «em princípio, no meio ou parte do fim, o que é evidente é que tal processo está em curso... e muito e muito adiantado» — «*Dois factos*»: — que, no Minho, mal os padres começaram a falar em eleições e «onde se pensava que bastaria sempre o abade dar o lamiré e todos entravam imediatamente no coro», os paroquianos «retiravam-se afrontosamente da Igreja»; e que, nas Juventudes da Acção Católica, os dirigentes mais responsáveis manifestam a sua «inconformidade e desespero». Salvo o devido respeito, que muito é, não nos convence a argumentação do Snr. Bispo do Porto. Em primeiro lugar, porque os dois factos que relata foram — a ter-se dado! — ocasionais, avulsos e sem significado geral. Sou minhoto, fui à Missa nessa província, em várias paróquias, durante a recente campanha eleitoral, e nunca dei nem porque os assistentes saissem alguma vez afrontosamente das Igrejas, nem porque alguma vez os presbíteros aludissem nas suas homilias, por forma que não fosse digna nem leal, ao significado puramente político das eleições. Quanto aos dirigentes mais responsáveis da Acção Católica, tenho verificado, em toda a parte, a seu comovente fidelidade à Igreja, não se furtando eles, jamais, a cumprir os seus deveres. Discordâncias sobre um ou outro aspecto da actualidade portuguesa, todos as temos; e a virilidade moral e intelectual da juventude católica resulta naturalmente da fé criadora que ela nutre pela Igreja de Cristo».

E' pena que em todo o livro o autor não tenha podido usar a mesma calma e principalmente a mesma adjectivação.

Assim, postas em confronto, as referências a um Princípe da Igreja, com os elogios e encómios a Sua Excelência o Senhor Presidente do Conselho, não está certo.

No decorrer do último período eleitoral ouvimos, bem distantes desta cidade, o discurso do Excelentíssimo Senhor Professor Doutor Paulo Cunha, então Ministro dos Negócios Estrangeiros;

Se já grande era o respeito e admiração que sentíamos por Sua Excelência, mais radicados ficaram no nosso espírito. O ilustre Membro do Governo de então, expôs os seus pontos de vista sem injuriar, magoar ou melindrar fosse quem fosse.

E' que atacar um adversário político, ou combater as suas ideias, não exige nem envolve o recurso à injúria.

O recurso a esta só se explica pelo reconhecimento de falta de razão própria.

Todos nós temos Amigos, familiares ou simples conhecidos que militam em correntes políticas diferentes.

A esta ordem natural não escapou o próprio Senhor Doutor Manuel Anselmo, pois que tomou conhecimento da carta de Sua Excelência Reverendíssima por «alguém que muito preza».

Sem se trair a confiança, a lealdade e o respeito mútuo, pode-se criticar, combater e expôr as ideias próprias sem que a amizade perigue; mas é necessário que ao fazê-lo se não esqueçam pelo menos as normas elementares de correcção.

Dizer que Salazar é um Grande Homem, Político, Vulto proeminente da História contemporânea, não impede que se reconheça valor aos seus adversários políticou ou, pelo menos, que para com estes se use de cuidado nas expressões.

Guimaraes, Setembro de 1958.

*a*) BROCHADO TEIXEIRA.

*N. R.* — Recebemos com um amável cartão, um exemplar do livro do dr. Manuel Anselmo, cumprindo-nos agradecer a sua oferta.

# Liceu Nacional

Aos alunos do Liceu desta cidade foi distribuido o seguinte aviso: «A Reitoria, no início deste ano lectivo, chama a atenção de todos os alunos para a necessidade de se aplicarem regularmente ao estudo, desde o começo do ano escolar, de forma a obter o melhor aproveitamento. Se for deficiente, obrigará, porventure, alguns alunos a deixarem o ensino oficial. Mas tal só será autorizado nos termos da lei, quando requerido antes do início do 3.º período lectivo. Iniciado este, não serão concedidas autorizações para a passagem do ensino oficial ao particular. Também os alunos que ficaram reprovados no corrente ano não terão matrícula assegurada no ensino oficial, no ano próximo. No final de cada mês, a reitoria enviará aos encarregados de educação nota das faltas dadas pelos os alunos e, sempre que possível, da situação do seu aproveitamento, a fim de que aqueles possam estar a par da vida escolar dos educandos».

— No presente ano lectivo, além dos professores efectivos, já se encontram em serviço no Liceu desta cidade os seguintes professores de serviço eventual: 1.º grupo — D. Maria Guilhermina Martins e D. Maria Joaquina Homem Simões; 2.º grupo — João Daniel Marques Mendes, D. Maria Lídia da Costa Pereira, D. Maria Eugénia Prazeres Botelho e D. Maria Alice Costa Pereira Ribeiro de Faria; 3.º grupo — Manuel Rocha Brito Guimarães; 4.º grupo — Manuel Bernardino de Araújo Abreu; 6.º grupo — Dinis Carlos de Almeida Santiago Sotto Maior, D. Maria de Lourdes Martinho Carneiro; 7.º grupo — Domingos Rocha; 8.º grupo — Alfredo Gomes Alves e José Oliveira Faria Fernandes de Freitas.

# A Barrinha de Esmoriz

*Continuação da 1.ª página*

Mata densa dum pinhal extensíssimo, de mais de 15 quilómetros de comprimento, alongando-se até ao Furadouro.

Através desse pinhal do Estado estende-se uma linda estrada por vezes marginando um regato, o que lhe empresta mais beleza e torna o ambiente mais pitoresco. E se na praia há o vento norte, frio, encomodativo, ali goza-se o ar do pinheiral, fresco e liberto dos ventos aborrecidos. Por isso a mata é sempre muito frequentada e apreciada pelos seus encantos, descendo até ali quer os locais quer os turistas, à procura duma sombra para um almoço ou merenda, onde, a par do prazer da mesa, se aprecia a beleza e a frescura incomparável dum imenso Pinhal em que todos cabem e podem estar à vontade.

Mas o maior encanto turístico de Esmoriz está sem dúvida na Barrinha! Ali se faz verdadeira praia em centenas de barracas dispersas nas duas margens da lagoa; ali se juntam diàriamente centenas de carros trazendo os turistas que na praia vão diàriamente repousar, praticar a natação, o remo, os banhos hélio-marítimos, quer no mar quer nas águas tranquilas da lagoa; ali, junto da praia, há já 2 modernos Bares, com boas comodidades, sala de dancing e a respectiva Televisão para passatempo da noite.

Embora seja uma praia pouco conhecida, encerra no entanto a Barrinha de Esmoriz os requisitos que toda a praia moderna exige.

Mas afinal perguntar-me-á quem não conhece a região: o que vem a ser a Barrinha de Esmoriz?

A Barrinha não é nem mais nem menos que uma lagoa (há quem lhe chame a lagoa de Paramos) que se estende desde a praia de Esmoriz entre areal sobranceiro ao mar e campos de cultura do outro lado, margina e serpenteia o campo de aviação de Paramos, abrindo por fim, e no interior, em dois braços, um que vai até ao centro da Vila de Esmoriz e outro até Paramos, a poucos metros dos Hangares do campo de aviação.

A visitantes que se encontravam no Bar sobranceiro à Barrinha, e donde se disfruta um belo panorama, ouvi chamar-lhe piscina. E vá, concordei. A Barrinha de Esmoriz não é outra coisa senão uma grande piscina natural, onde não há os entraves do bilhete de entrada, onde a sua água é mais salgada que doce, principalmente nas marés vivas, quando o mar consegue atravessar as barreiras do areal. A Barrinha presta-se notàvelmente para a natação, não só para adultos como para crianças, onde ali podem aprender e praticar tão salutar desporto.

Já ali vimos corridas de natação e até regatas, prestando-se a Barrinha a todos esses desportos quer pelas condições que possui, quer pelo encanto maravilhoso da paisagem e pelas condições propícias para o turista seguir o desenrolar de todas as provas. Há quem procure a Barrinha para pesca da enguia e outros peixes que abundam sobretudo para as zonas interiores, mais lodosas. Já ali encontramos turistas com barcos à vela, barcos de motor, barcos movidos a pedal, canoas de borracha, etc., não falando ainda nos velhos barcos a remo, um dos mais sadios desportos das praias. E a Barrinha de Esmoriz está ainda longe de ser explorada turìsticamente, pois tem condições ideais para uma praia moderna, com o desassoreamento das suas águas marginais e a dragagem do seu plano de fundo, que é muito irregular, bem como a modernização e embelezamento de toda a sua margem à maneira dos lagos turísticos da Suiça.

Na Barrinha há no entanto beleza e encanto natural no areal, ao longo das suas margens irregulares, nas inundações marginais quando sobem as marés e cobrem os campos de juncos, sobranceiros ao campo de aviação, onde pastam manadas de vacas de raça «torina» enterradas na água até aos úberes, no pinhal que vem debruçar-se e findar ali junto da água da ria, nos campos de cultura, no monte que se estende ao fundo, para o interior, onde o casario abunda e se estende em anfiteatro. E' nesse vale sobranceiro à ria, onde passa a linha do Norte dos Caminhos de Ferro e a estrada nacional de Aveiro a Espinho e Porto, que notamos, e sentimos mesmo ao longe, a vida febril da região através dos combóios que silvam, das fábricas que inundam a atmosfera de fumo, do rumor cadenciado das carruagens e carros que passam constantemente naquelas estradas, no toque dos sinos dos campanários que se erguem por entre as casas, ao longe do vale e na encosta do monte, distinguindo-se ali da praia os torreões das igrejas de Silvalde, sobranceira a Espinho, de Paramos, de Esmoriz e de Cortegaça.

E se alongarmos a nossa vista para o norte avistamos a risonha vila de Espinho, centro da indústria fosforeira e de plásticos, e uma das mais concorridas praias do norte do país. De noite distingue-se bem o clarão luminoso de Espinho e Porto, bem como o farol, sempre alerta, de Leça da Palmeira.

Porque razão se formara ali aquela lagoa?

Eis uma das perguntas que um estudante nos formulou e que achamos muito a propósito.

Na verdade, segundo lemos algures, as condições geológicas da região são diferentes dos montes que lhe ficam sobranceiros e que seriam as verdadeiras barreiras do mar de outrora.

Parece portanto e com razão que em tempos muito remotos a configuração da costa portuguesa de Espinho a Aveiro seria outra e não englobaria as pequenas praias de Esmoriz, Cortegaça, Furadouro, S. Paio da Torreira e S. Jacinto.

Com os tempos, a acumulação de areias foi roubando terreno ao mar e daí um acréscimo da Costa e a formação da Barrinha de Esmoriz e da Ria de Aveiro.

Júlio Diniz, que durante grande período da sua doença viveu em Ovar e ali redigiu uma grande parte da sua obra, descreve-nos muitas destas paragens, não se esquecendo das praias do Furadouro e da Barrinha de Esmoriz, como podemos verificar nos Serões da Província.

# A morte do Papa

Por motivo do falecimento de S. S. Pio XII a Mesa da Misericórdia e a Direcção do Rotary Clube de Guimarães, assim como diversas entidades particulares, enviaram ao Núncio Apostólico da Santa Sé, em Lisboa, telegramas de condolências.

Notícias de Guimarães n.º 1398 - 12-10-1958

COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial

## ANÚNCIO

1.ª publicação

Por este se anuncia que no dia 8 do próximo mês de Novembro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial desta comarca, se há-de proceder à arrematação em hasta pública e pelo preço que lhes foi atribuido dos diversos móveis penhorados no processo de execução de sentença que Eduardo da Silva, casado, industrial, da freguesia de Fermentões, move contra Eduardo Mendes Xavier e esposa D. Maria Carolina Peixoto, ele padeiro e ela doméstica, residentes na rua da Liberdade, desta cidade, constituídos por cilindro, balança, masseiras, estufa, maçarico, pás, mesas, cofre, caixa, aparadores, vinho e balcão, dos quais são depositários Fernando Leite Pereira, casado, proprietário, da rua da Liberdade, n.º 5, e João Pereira de Lima, solteiro, maior, da rua D. João 1.º, ambos desta cidade.

Guimarães, 6 de Outubro de 1958.

O Chefe da 2.ª Secção, int.º

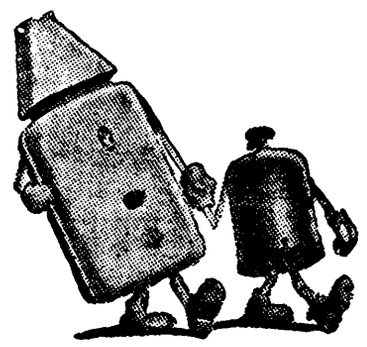
*João da Silva Bastos*

Verifiquei.

O Juiz de Direito
do 2.º Juízo, 545

*Artur Lourenço.*


# "GAZCIDLA"



Fogões, Fogareiros e Esquentadores

*Aos melhores preços, e vantajosas condições.*
*Se está comprador... não se precipite!*

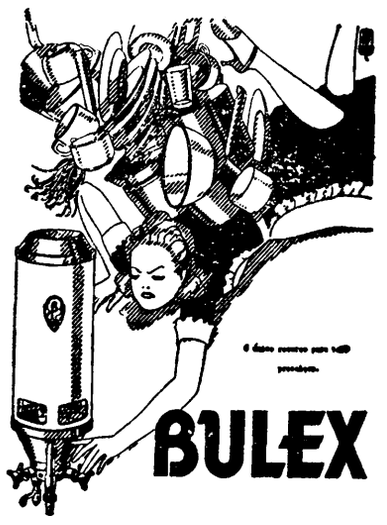
Consulte

Reinaldo & Guise, Lim.da

(Junto ao B. N. U.)

RUA D. JOÃO I

GUIMARÃES



BULEX

O Esquentador sem Rival

OSVA
O Melhor Fogão

555

**Mendes & Puga, L.da**
GUIMARÃES

Certifico que por escritura com data de 27 de Junho de 1958, celebrada nesta Secretaria Notarial, perante mim Notário, exarada no meu respectivo livro de notas número 2-C, a fls. 45 verso, Andrés Puga, casado, comerciante, residente nesta cidade, se apartou da sociedade em epígrafe, cedendo a cota que na mesma possuia de 100.000$00, à sociedade «José Puga & Filhos», com sede nesta cidade, tendo contudo autorizado a que o seu apelido «Puga» continuasse a figurar na firma.

Guimarães e Secretaria Notarial, 19 de Agosto de 1958.

551 O Notário,

a) *Luís Filipe Avis de Brito.*


*N. da R.* — Por ter havido lapso na composição deste anúncio, vola a publicar-se devidamente rectificado.

# FALTA DE LUZ

A propósito da local que, com este título, publicámos no último número, recebemos a seguinte carta da firma concessionária:

Sr. Director do Jornal «Notícias de Guimarães» — Guimarães,

7 de Outubro de 1958.

... Senhor

No conceituado Jornal de V.... de é do corrente, vem publicada uma local com a epígrafe «Falta de Luz», sobre a qual se nos oferece esclarecer o seguinte:

Ao contrário do que a maioria dos ex.mos Consumidores supõe, não somos nós quem desligamos a energia aos domingos, mas sim o nosso fornecedor para proceder a qualquer reparação ou para remodelação das suas linhas de alta tensão, como ùltimamente tem acontecido. Somos nós os primeiros a lamentar tais faltas, que tantas arrelias nos causam.

A comunicação da falta de energia é-nos feita com dois dias de antecedência, como V. Ex.ª pode verificar pelo postal que enviamos a título devolutivo, o qual é por nós recebido na véspera, pelas 14 horas, acontecendo já o termos recebido no próprio dia.

Sempre que a comunicação é recebida na véspera, mandamos colocar uns avisos em diversos locais, por não vos ser possível proceder de outro modo.

Quando a falta de energia é motivada por serviços nossos, mandamos distribuir com antecedência avisos pelos ex.mos consumidores das zonas abrangidas.

Pelo exposto, não está na nossa mão remediarmos os inconvenientes que as faltas de energia provocam.

Agradecendo a publicação desta, subscrevemo-nos com a mais elevada estima e consideração,

De V....

At.os, Ven.as e Obg.os

*B. Jordão, Filhos & C.ª, L.da*

# A minha Hérnia

Não me incomodará mais, nem durante os meus exercícios, nem durante os meus trabalhos.

**Assim se exprimem os 120.000 herniados que passaram a usar, no decurso dos últimos 10 anos, as cintas anatómicas**

MYOPLASTIC-KLÉBER

Concebido e realizado em França, pelo célebre

Institut Herniaire de Lyon e Paris

O método MYOPLASTIC é aplicado há 10 anos consecutivos em todes as regiões do País, por Técnicos portugueses, especializados em França no INSTITUT HERNIAIRE DE LYON.

MYOPLASTIC é a única cinta anatómica, patenteada. Leve e lavável, reforça os músculos abdominais, mantendo a hérnia no seu lugar «*Como se fosse com as mãos*»

Por estes motivos, aconselhamos os leitores interessados a colherem informações, junto dos Técnicos especializados da

MYOPLASTIC

Ensaios gratuítos nas localidades e datas abaixo indicadas:

GUIMARÃES — **Farmácia Hórus** — Largo do Toural
DIA **18** de Outubro

BRAGA — **Farmácia Roma** — Rua dos Chãos, 111
DIA **14** de Outubro

V. N. DE FAMALICÃO — **Farmácia Carvalho** — R. de Santo António
DIA **15** de Outubro


Notícias de Guimarães n.º 1398-12-10-1958

COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial

## Éditos de vinte dias

1.ª publicação

Nos autos de acção sumária, com execução de sentença, que o Banco Nacional Ultramarino move contra os executados ARLINDO MAIA GUIMARÃES e mulher Maria Gonçalves Ribeiro, proprietários, do lugar da Eira Velha, da freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, desta comarca, correm éditos de vinte dias, contados da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos pela forma preceituada no art.º 865.º do Código do Processo Civil.

Guimarães, 6 de Outubro de 1958.

Verifiquei.

O Juíz do 1.º Juízo,

*Carlos Maria Afonso de Castro.* 549

O chefe da 1.ª secção,

*António da Costa Júnior.*


**Aluga-se** 2.º andar, no prédio da rua do Anjo n.º 31, próximo ao Toural. Falar na Camisaria Martins. 549

# Teatro Jordão

APRESENTA

HOJE, ÀS 15 E ÀS 21,30 HORAS

*James Cagney = Dorothy Malone*
em
**O Homem dos Mil Caras**
(Espectáculo para maiores de 17 anos)

TERÇA-FEIRA, 14 — ÀS 21,30 HORAS
*Pierre Fresnay = Amie Girarolot*
em
**O HOMEM DAS CHAVES DE OIRO**
(Espectáculo para maiores de 17 anos)

QUINTA-FEIRA, 16 — ÀS 21,30 HORAS
*Yves Deniaud = Gaby Morlay*
em
**Os Trapeiros de Emáu**
Espectáculo para maiores de 17 anos

SÁBADO, 18 — ÀS 21,30 HORAS
*Randolph Scott = Angie Dickinson*
em
**JUSTIÇA SEM LEI**
540 (Espectáculo para maiores de 12 anos)

**BAILE**

Levada a efeito pela Academia do Liceu Nacional de Guimarães, realiza-se no próximo dia 19, pelas 15 horas, no Salão de Festas do Restaurante Jordão, uma Matiné Dançante.

**Cão**

Encontra-se um animal de raça canina, no lugar do Canto (Estrada de Fafe), em casa de Manuel de Macedo, de cor amarela e o focinho malhado de preto e branco.

**Afinador de Tecelagem** Precisa-se para Fábrica fora do concelho de Guimarães, que seja competente. Guarda-se sigilo. Carta ao n. 20. 547

# COMUNICADO

**Os Serviços Sonoros PHILIPS da firma A. GOUVEIA, comunicam aos Ex.mos assistentes e anunciantes para o jogo VITÓRIA-BRAGA que, apesar de todos os esforços feitos junto da empresa concessionária de distribuição de energia eléctrica à cidade de Guimarães, não conseguiram que esta fizesse a respectiva ligação da corrente para o Campo da Amorosa, não lhe sendo possível, assim, fornecer as habituais informações desportivas, bem como cumprir os contratos de publicidade com os seus numerosos clientes.**

A. GOUVEIA
GUIMARÃES


## COMO «VIGARIZEI»

# RAMADA CURTO

Estávamos em 1944 e o segundo Grande Conflito Mundial era ainda, no seu auge, um mar de hipóteses e de incertezas trágicas de que só uma realidade saltava aos olhos do português atónito: a fúria indisciplinada da ganhuça pelo mercado negro, a que nem a acção vigilante da Intendência conseguia pôr travão.

Em Julho desse ano fui residir para Lisboa e, desembarcado no Rossio, senti-me paraquedista caído em região habitada por estranha fauna de aves de rapina e antropófagos capazes de me devorarem o mais rijo da ossamenta.

Um quarto só se conseguia pôr empenho e preço astronómico, e uma refeição trivial, mais aperitivo que condimento, dificilmente se lobrigava a preço acessível, e isso mesmo dentro de horários a que meu desordenado temperamento foi sempre avesso.

Por isso, com regozijo inexcedível, me senti encaminhado, por anúncio do *Diário de Notícias*, para certa casa dos lados do Arco do Cego que por mil escudos mensais me fornecia quarto e duas refeições de «comida caseira e abundante», dizia-se.

O dono da casa, pessoa bem falante e funcionário ministerial, colocou-me absolutamente à vontade e ali me instalei como Deus no Olimpo.

O quarto era acanhado, mas tinha janela e a refeição, constituída por prato único, pão, sopa e vinho, finalizava com um minúsculo pudim e café. Como «em tempo de guerra não se limpam armas», após a primeira refeição paguei o mês adiantado, certo de que se me tinha aberto um autêntico E l d o r a d o. E mais, o amável hospedeiro, ao fim de dias, prometia melhorar as doses e ir possìvelmente aos dois pratos, a despeito das dificuldades impostas p e l o racionamento, simplesmente precisaria de um pequeno adiantamento de dois mil escudos, para regularizar uns assuntos que o preocupavam, sugerindo-me que se quisesse pagar-lhe Agosto e Setembro me passaria recibo para minha «garantia» e então eu ficaria a saber como sua casa primava em bem servir os hóspedes.

Anuí de pronto ao «generoso» convite, entregando-lhe no dia imediato os dois mil escudos de que me era passada a tal quitação de garantia, mas, logo no jantar desse dia verifiquei que me era suprimido o pudim e nos dias imediatos o passava a ser também o café, ao tempo que as doses das travessas mingavam assustadoramente.

Como solução silenciosa, passei a matar a fome pelas confeitarias do bairro da Estefânia, devorando frutas cristalizadas e bolos de arroz, únicas doçarias de legal fabrico na altura.

Faltavam dez dias para acabar o primeiro mês de hospedagem naquele «Eldorado» e o almoço desse dia atingia o auge: o vinho, autêntico vinagre, uma sopa intragável e o «prato» constituído por um guisado de batatas cruas com espinhas de bacalhau.

Saí furioso vendo que tinha sido burlado e ocorria-me uma queixa no Torel; mas, serenados os primeiros ímpetos, optei por procurar um advogado que melhor me orientasse, muito embora eu não visse possibilidades de êxito, e uma ideia súbita me vem ao cérebro: a oportunidade de conhecer pessoalmente o Dr. Ramada Curto, o dramaturgo admirável da *Noite do Casino*, o ironista subtil do *Diário de José Maria*, e, assim, pensando juntar o útil ao agradável, teria oportunidade de oferecer-lhe o meu *Rebeldia*, publicado dois anos antes.

Munido de um exemplar do livro, dirijo-me à Rua Nova do Almada e eis-me no cartório do notável causídico. A empregada que me atende vai anunciar o cliente, e logo sou conduzido ao seu gabinete.

O contacto com esse homem que eu tanto admirava à distância, deixou-me suspenso, quase apalermado, tìmidamente silencioso, até que Ramada Curto, com um olhar vivo e perscrutador, com que senti me radiografava, convidou-me com um gesto a que me sentasse, inquirindo, a quebrar o estranho silêncio:

— Então que temos?

Podia principiar por lhe oferecer o livro, disso me lembrei na sala de espera enquanto era anunciado, mas poderia supor-se que me estivesse a preparar para uma consulta gratuita, de modo que principiei pelo motivo causídico que ali me levava, e relatei os factos em síntese, exibindo por fim o recibo do meu hospedeiro que nem quis ver, para logo principiar o seu conselho, dando-me a impressão que estava já em pleno Tribunal e que de sua boca saía a douta sentença, tal influência sobre mim se exercia.

Ramada Curto, como conversando consigo próprio, ou esquecido da minha presença, foi monologando a meia voz com uma fluência e poder dedutivo que me assombrava:

— Você desembarcou no Rossio, como aliás muita gente, e, como quase todos no seu caso, procurou os anúncios do *Diário de Notícias*. O seu hospedeiro, homem prático, adoçou-lhe a boca com pudim, apanhando-lhe assim três meses de hospedagem. Em queixar-se no Torel não consegue que lhe mandem diàriamente um agente assistir às refeições, fiscalizando-lhas, jamais que o homem está no direito de dizer que o regime alimentar da sua casa é aquele, e mais, sabendo que você se queixou, passa a dar-lhe o mesmo prato que deu hoje, mas suprimindo as batatinhas...

Levantando depois um pouco mais o tom de voz, diz-me, categórico:

— A sua salvação está no facto de ele ser funcionário público.

Neste ponto o advogado passa a dramaturgo, ensaiando-me o papel que terei de protagonizar na peça que rápido concebe:

— Vá ter com ele, faça-lhe ver que habituado ao regime alimentar do Norte, com o cozido à portuguesa, as tripas com feijão, etc., não está a dar-se bem com a cozinha de Lisboa e que vai experimentar outra pensão, mas mantendo-lhe no espírito a impressão que de si ele tem, de «um provinciano há poucos dias desembarcado no Rossio». Ponha-o absolutamente à vontade, reconhecendo mesmo a razão que lhe assiste em servi-lo mal em virtude das dificuldades actuais na compra dos géneros e que a importância paga adiantado, não é motivo de preocupação, pois pode passar uma letra a prazo largo. O homem, lembrando-se que fica com o quarto devoluto para admitir novo «desembarcado», talvez se tente com a proposta, e se depois, no vencimento, não lha pagar, então volte cá.

Ao tempo que disse as últimas palavras, levantou-se, como a dar por finda a consulta, e, seguindo-lhe o exemplo, levantei-me também ao tempo que lhe perguntava quanto devia, ouvindo então esta sua graça que me deixou confuso:

— Eu costumo levar cinquenta escudos, mas como você já foi «levado» pelo outro não é justo que o seja por mim também, de modo que paga só vinte.

Disposto a esportular um mínimo de cem escudos, suponho não ter escondido o meu espanto e, tirando da carteira uma nota de «vinte», escolhida de entre as mais novas que levava, não foi sem acanhamento e considerando a febre desvairada da ganhuça que a Guerra originava, que lha entreguei.

Ramada Curto pousou-a sobre a secretária e estendeu-me a mão a despedir-se, sorridente, compreendendo o meu acanhamento e espanto.

O livro? Esse... tornei a trazê-lo embora, pois confesso que me faltou coragem para lho oferecer, porque o antelóquio de «provinciano desembarcado» não podia ser, de modo algum, prenúncio de leitura auspiciosa!

Jantei na «baixa» nesse dia e, como que revigorado por novas calorias, compro nos Restauradores uma letra de câmbio e dirijo-me à pensão.

Principiei por pedir muito humildemente desculpa de não ter jantado, visto um amigo me haver convidado a tal, e com o propósito de dispor o melhor possível o meu hospedeiro e, então, chamando-o ao corredor, confidenciei-lhe que me estava a dar mal com o regime alimentar lisboeta, habituado como vinha ao bacalhau cozido com todos, às tripas à moda do Norte, etc., e notava que o homem engolia em seco enquanto os enumerava, de modo que desfiei uma série de ementas apetitosas, para no fim lhe propor muito respeitosamente a minha desistência da hospedagem, acrescentando com absoluto à vontade que os dias que faltavam para o mês acabar ficariam em desconto de alguma falta que eu tivesse involuntàriamente cometido.

O homem principiou de sorrir benévolo, e foi aproveitando-me desse sorriso que acrescentei: Quanto aos dois meses adiantados, também não tem importância, pois, apenas por uma formalidade, basta que me assine uma letrinha de dois mil escudos, a prazo largo, que isto não é sangria desatada, e devolvo-lhe o recibo que me deu de garantia. E passando da palavra à acção, saquei do recibo e da letra de que ia munido.

O homem ainda olhou confuso, mas, sem lhe dar tempo a recriminações, fui-lhe dizendo: — Amanhã já não dormirei cá e o meu amigo pode anunciar já hoje o quarto que não lhe faltará novo hóspede.

Este último cartucho de que dispunha, foi fulminante.

O homem, pegando na caneta que solícito lhe ofereci, aceitou a letra que guardei na minha algibeira do casaco como a confundir-se com um lenço, enquanto ele me agradecia a benevolência com vigoroso aperto de mão.

Volvidos três meses, tal o prazo da letra, mandei-a à cobrança pelo Banco e seria óbvio dizer que não foi paga.

Procuro novamente Ramada Curto, que, ao receber-me com um sorriso solícito, diz:

— Então o homem não paga a letra?

— Quem lho disse, senhor doutor?

— Não era preciso dizerem-mo. Pelo tempo que decorreu desde que cá esteve, vê-se que esperou o vencimento e se volta cá é porque ele a não pagou.

Mais uma vez fiquei assombrado, não tanto com a dedução mas com o facto de tendo-me visto apenas uma vez tivesse tão rápida visão dos factos quem diàriamente lida com dezenas de pessoas e de casos. Mas a sua subtileza foi mais longe, dizendo-me:

— Procure o devedor, agora com mais arrogância do que quando lhe foi apanhar o aceite, e diga-lhe que se não liquidar o assunto em breve prazo, entrega o caso ao seu advogado dizendo-lhe mesmo que esse advogado... sou eu.

— Quanto lhe devo, senhor doutor? Inquiri ao tempo que me preparava para esportular nova nota de «vinte».

Resposta pronta do notável causídico:

— Por agora o único devedor que existe é o outro, e se ele não pagar, então veremos como vai ser.

Arrogante, procurei de «peito feito» o antigo hospedeiro que me recebe com frieza.

Lamentei-me da falta do pagamento da letra e da diferença que isso me fazia, enquanto ele me brindava com um sorriso de indiferença, até que lhe disparei a bomba:

— A não ser liquidado o assunto em breves dias, obrigo-me a entregar o caso ao meu advogado, o Dr. ... Ramada Curto!

Se o homem fosse cardíaco tinha-me caído redondo ao ouvir aquele nome, no entanto fez-se de mil cores enquanto pelo cérebro lhe teriam passado sei lá quantas ideias... talvez uma sumaríssima... uma penhora nos vencimentos... um processo disciplinar na Repartição... eu sei lá.

Refeito do abalo, e reconciliando ideias, monologou:

— Sim, é isso, ele também escreve... você dá-se por certo com ele...

Pois claro — atalhei ufano — jogamos no mesmo clube, simplesmente ele na primeira divisão e eu na reserva de terceiras...

Pensando um bocado, o homem acabou por declarar-me que não seria precisa a intervenção do advogado, pois ia deitar um novo anúncio ao *Diário de Notícias* e dentro de três dias me procuraria.

Assim aconteceu. Passados dois dias procurou-me para com muitas desculpas me entregar mil escudos prometendo dar o restante no mês imediato, o que aconteceu.

E aqui está como pagando eu ao Dr. Ramada Curto vinte escudos, embolsei dois mil que por outro meio nunca mais veria.

Vinte escudos que me proporcionaram o prazer espiritual de tomar directo contacto com o seu fulgurante espírito; vinte escudos por uma consulta forense acrescida dum prévio ensaio de magistral dramaturgo, sem o qual eu não daria bom desempenho ao meu papel de «provinciano desembarcado»; vinte escudos que me autorizaram a declarar-me cliente do notável causídico; vinte escudos que me proporcionaram assunto para este artigo...

Diga agora o leitor, com imparcial verdade, se isto não foi «vigarizar» o Dr. Ramada Curto?

Porto.

ARTUR TOJAL.

# DERROTISMO OU ESPERANÇA?

Apesar da actividade mais ou menos grande que em Portugal se realiza há uns anos a esta parte, muitos são ainda aqueles que olham o cego como ser inválido e inútil, por força dos seus preconceitos obstinados e do seu desconhecimento inocente. Buscando a razão deste fenómeno tão desagradável de notar, mas patente e claro de mais para deixar de mencionar-se, temos que supor a insuficiência daquela actividade e afinal vamos convir que lho ficamos devendo.

As pessoas que o cruciante problema da cegueira se propõem combater, fazem-no geralmente sem um mínimo de conhecimentos indispensável à tarefa e entregam-se a verbalismo inútil, desanimam quando aparece o primeiro obstáculo ou conseguem erguer uma colectividade que, carecendo de programas sàbiamente traçados, é testemunha dessa vida vegetativa e também o falso apoio dos argumentadores a quem o exame da situação directamente pede esclarecimentos. Sem pretender de forma alguma desalentar quem trabalha, outrossim rendendo sincera homenagem e manifestando profundo agradecimento àqueles que escapam da generalidade e fazem obra verdadeiramente construtiva, penso entretanto que se houvesse mais persistência, mais força de vontade, mais abnegação, mais conhecimento, mais conexão e mais recursos, tudo correria bem melhor.

E os cegos, quase todos eles, ajudam a resolução do seu problema de maneira tão nula ou negativa, estão de tal forma desligados das suas instituições, descuidam-se tanto de cumprir o que construtivamente elas aconselham, que é inegável, que é bem fundo e perigoso o contributo que dão ao estado de sub-homens em que se encontram. Vivem tão entregues a si mesmos, tão isolados, tão alheios por tudo quanto lhes diz respeito; são tão desinteressados da sua dignificação pessoal, ampliação de cultura e fortalecimento de fé, que acabam enraizando a posição dos que, desconfiados do valor prático que terá a futura assistência tiflológica, não lançam ou tardam a lançar as bases sólidas do seu funcionamento.

Todas estas culpas, de quem é cego e de quem não é, de quem trabalha mal e de quem não trabalha; e de quem nem ajuda nem estimula, impedem os invidentes portugueses, com amargura para os que anseiam a sua emancipação social, de demonstrarem eles mesmos, aos inocentes e aos incrédulos, a veracidade dum são princípio proclamado pela psicologia e que entre nós devia ser um postulado: — a cegueira é clima propício à inacção do indivíduo, ao seu desencontro com o meio, mas não pode ser tomada como causa destes factos.

Mas, desgraçadamente, nem este nem outros postulados informam, como deviam informar a nossa assistência, e continuamos a ver os cegos tocando numa esquina ou mendigando de qualquer outra forma, fechados em si mesmos ou desabafando com alguém a sua mágoa, vivendo e revivendo interiormente uma vida em turbilhão, cheia de anseios legítimos e esperanças vãs, que mais parecem sonhos de concretização difícil.

E a vida segue, passam os dias, as semanas, os meses, e o problema dos cegos continua sem solução, que há barreiras que se não passam e preconceitos que se não eliminam. Essas barreiras que o cego levantou e levanta contra si mesmo, esses preconceitos que o desconhecimento nos outros mantém para o prejudicar, tudo isso só desaparecerá quando entre nós houver uma assistência tiflológica muito diferente da que temos — se é que assistência tiflológica posso chamar ao que em Portugal mal se pratica. Há-de ser uma assistência bem orientada, feita desde logo para interromper a vida vegetativa dos nossos cegos, hoje a correr quase sem oposição; uma assistência convenientemente financiada, com a intervenção directa e interessada do Estado — pedra que até agora mais nos tem faltado e mais falta nos faz, porque sobre ela hão-de assentar todas as outras, até completar-se o edifício.

Mas enquanto essa assistência não vier, continuarão os cegos portugueses debatendo-se numa angustiosa situação, na qual nem aqueles poucos que trabalham, nem os que não trabalham mas são escondidos pelas circunstâncias, nem os menos protegidos que só na rua e na esmola encontram o que precisam, escapam aos seus efeitos psicológicos e morais, embora eu pense que ninguém conhece realmente a profundeza conjunta do abismo.

Porém, mesmo não conhecendo totalmente a profundeza dos males que assolam a personalidade do cego português, a quem quer que dele se aproxime e o olhe um momento por outro prisma que não seja o conceito genérico e errado, brota logo no coração um sentimento esquisito e diferente, uma vontade indizível de trabalhar e contribuir à suavização daqueles males. E a verdade é que quase todos, por muito ou pouco tempo, com bons ou maus resultados para o momento pouca importa, se lançam ao trabalho e dão o seu grande ou pequeno impulso. É que a situação dos cegos portugueses está neste ponto, é tão aguda e pungente, que até os não especialistas, até os completamente estranhos ao problema — nem bem o conhecendo mesmo por fora — podem falar dela e emitir ideias, por não ser difícil escrever linhas ardentes, cheias da reluntância social que causam esses homens julgados coisas.

Já pensou o leitor no que significa a minha presença nas colunas deste Periódico, escrevendo ontem e hoje sobre o mesmo assunto? Conhece-me? Sabe quais as habilitações que me servem de credencial?

Tenho simplesmente a 4.ª classe, mas, para além disso, vale-me uma firme vontade de estudar e aprender, o desejo incontido de servir a tiflologia, o trabalho, a sociedade. A minha presença exprime, pois, antes de mais nada, a gravidade do problema, o desejo de serem úteis que os cegos têm e a imperiosa necessidade que há de se lhes possibilitar meios humanamente conducentes a esse objectivo. E este trabalho não cessará, pelo menos enquanto a realidade não substituir o sonho actual dos cegos portugueses, porque nem a razão que está do meu lado, nem a deficiência física que pode embaraçar mas não desfalca, me impedirão de executá-lo.

Quem quer ser alguém entre os vivos, não deve abrigar-se à sombra doentia e prejudicial das escusas; quando as tiver, há-de desprezá-las, voltar-lhes as costas e seguir em frente, não esquecendo o que quer e dispondo-se a consegui-lo. Assim fez, por exemplo, Milton, que já cego escreveu *O Paraíso Perdido*, único poema em que o céu nos surge com sua tonalidade triunfante de mansão de graça e de alegria; assim fez Ludwig Beethoven, cuja inspiração crescia à medida que a surdez aumentava e nos legou prodigiosa música, em que ricos e pobres, grandes e pequenos, felizes e desgraçados, encontram suas impressões bem definidas; assim fez Helena Keller, que na cegueira e na surdez se encontrou a si mesma, encontrou seu Deus e seu trabalho e tem o nome ligado à assistência que se presta hoje a muitas centenas e milhares de cegos.

E que estes, como tantos outros vultos gigantes da humanidade, souberam vencer-se a si mesmos, iluminaram a vida com o seu crer e a sua inteligência, lançaram-se ao trabalho, serviram o próximo e sentiram, talvez, aquela satisfação radiosa que só podemos encontrar na certeza do dever cumprido.

Dever cumprido, sim, porque é dever comum amar o trabalho, trabalhando e servindo. E, quaisquer que sejam as circunstâncias, seja qual for a escusa apresentada, não cumpre efectivamente o seu dever aquele que não trabalha.

Quem não trabalha é um traidor a si mesmo, porque renega a própria perfeição; é um traidor a Deus porque se nega a colaborar na Obra divina; e é, finalmente, um traidor ao seu semelhante, porque come a sopa dos outros, ficando com bens que são da Humanidade e a que não tem direito algum.

Mas — perguntar-se-á — aos cegos portugueses, cujas necessidades são já conhecidas, nestas circunstâncias, será lícito aplicar palavras tão duras, mais aquelas que vigorosamente disse São Paulo — «quem não trabalha que não coma»?

Acho que sim. Bem sabemos que eles não podem vencer a barreira de dificuldades que a cegueira lhes levanta, porque faltam normas legais para regulamentar a sua vida de homens e de cidadãos, — normas que só o Estado lhes pode dar — mas havemos de reconhecer também, ao fim dum rigoroso exame de consciência, o muito que eles já podiam ter feito e não fizeram, por descuido ou incapacidade.

Respondendo «sim» a esta pergunta, sèriamente, construtivamente, sem segundas intenções, indagarei por minha vez: «se os cegos portugueses que não trabalham, são traidores a si mesmos, são traidores a Deus e traidores ao seu semelhante, que posso chamar a quem lhes não dá possibilidades de alcançar o trabalho»?

Neste artigo, como em tantos outros, não há a menor sombra de derrotismo, de ironia, de desespero, de indiferença ou de pouca fé. Sei bem o que de bom nos últimos anos se tem feito e por isso a esperança vive em mim.

A esperança vive em mim, mas em mim vive também o sentir das realidades e das necessidades, o conhecimento do caminho que terá de percorrer-se até à única meta que almejamos. Por isso escrevo assim.

*José António*
*Lage Salgado Baptista.*

# Do Concelho

## Caldas de Vizela

### Ainda aquelas ruas...

Uma das ruas laterais do Jardim D. Maria do Resgate Salazar, pois à outra aconteceria o mesmo se tivesse maior movimento de veículos, com o tempo chuvoso que ùltimamente se fez sentir, transformou-se, como sempre acontece, num autêntico lamaçal que mais nos parecia um pântano do que uma das mais centrais e movimentadas artérias da nossa Vila, onde os veículos que por lá transitam cavam profundos sulcos e por vezes se vêem em sérias dificuldades para de lá saírem.

Mas a Rua Joaquim Pinto, que também está integrada no coração da Vila, encontra-se no mesmo estado e, por consequência, é a lama, com tempo chuvoso e o pó, com tempo seco, que continuam a martirizar os seus habitantes e transeuntes.

Para a necessidade da sua rápida e conveniente pavimentação, mais uma vez aqui se chama a atenção de quem de direito.

### O Futebol Clube de Vizela e o seu campo de jogos

O primeiro Clube desportivo da nossa terra não pode utilizar o seu campo de jogos e, por conseguinte, os seus jogadores estão sem treinos e em riscos de não poderem participar em competições oficiais.

Urge que se tome uma decisão rápida, pois o F. C. de Vizela, com lisonjeiras tradições no desporto da região, não pode continuar assim inactivo. Se todos os desportistas vizelenses puserem à prova o seu amor pelo nosso Clube e as entidades oficiais manifestarem o seu interesse por este caso, estamos certo de que o «Vizela» de novo e ràpidamente voltará à sua actividade normal, para alegria nossa e de todos os desportistas desta terra.

### Teatro Cine-Parque

Apresenta hoje, às 15h,15 e 21h, a produção mexicana de excepcional valor artístico, *Adão e Eva*, com Christiane Martel e Carlos Baena. *(Espect. para maiores de 17 anos).*

Domingo, dia 19, *Desprotegidos.*

### Farmácia de serviço

Hoje está de serviço permanente a Farmácia Alves, Tel. 48232. — *C.*

## De Covas

### A morte do Santo Padre

Foi aqui muito sentida a morte do Santo Padre. Em todas as igrejas desta região celebraram-se missas por Alma de Sua Santidade o Papa.

### Visita pastoral

O Senhor Bispo Auxiliar da Arquidiocese, D. Francisco da Silva, continua de visita às freguesias do nosso concelho.

Na segunda-feira esteve nesta localidade (freguesia de Polvoreira), onde foi recebido com muito carinho.

A indústria local paralisou os trabalhos da parte de tarde.

### Comunhão solene

Durante a festividade anual em honra do Santíssimo Sacramento, realizou-se no passado domingo a Comunhão solene das crianças que decorreu com grande solenidade.

De tarde saiu a procissão com o Santíssimo Sacramento, muitos anjinhos, as crianças da comunhão e uma banda de música.

### Direito Administrativo
#### Juntas de Freguesia

Corroboramos sem discrepância as ideias expostas nos dois artigos publicados sob este título, um assinado pelo ilustre colaborador deste jornal Dr. Hugo de Almeida, publicado no penúltimo número, e o outro assinado por S. M., inserto no último número do *Notícias de Guimarães.*

### Apontamento da cidade
#### Central de Camionagem

Um nosso leitor, morador na Central de Camionagem, pede-nos para chamarmos a atenção de quem de direito para o facto do *abuso de linguagem* naquela artéria. Aqui fica o que nos foi solicitado.

### Outras terras

Também Guardizela criou o seu grupo de «Bem-Fazer», pelo qual muito trabalhou o nosso prezado colega naquela localidade, Sr. Manuel Ribeiro, a quem felicitamos bem como a todos os seus componentes, desejando-lhes, ao mesmo tempo, os melhores resultados para bem das criancinhas pobres.

### Eng. Filipe de Paiva Brandão

Esteve há vias, com sua família, na Casa de Carvalho d'Arca, de visita a seu pai o Sr. Comandante João de Paiva de Faria Leite Brandão, o nosso ilustre amigo Sr. Dr. Eng. Filipe de Paiva C. Leite Brandão.

### Dr. Óscar Moreno

Depois de passar uma temporada nesta aldeia com sua família, regressou ao Porto o Sr. Professor Dr. Oscar Moreno.

### Alberto Cunha

Regressou a esta terra, depois de ter estado a veranear em Pedras Salgadas, o industrial local e nosso prezado amigo Sr. Alberto P. da Cunha. — *C.*

## Guardizela

### Leilões de Oferendas

Realiza-se no próximo domingo, dia 19, o primeiro leilão de oferendas de 1958 para a residência paroquial de Guardizela.

Para este movimento de bairrismo progressivo entre todos os paroquianos, a freguesia foi escalonada, como de costume, em três partes (com a colaboração de presença dos diversos lugares, bem entendido), a saber: Penso (1.ª parte), dia 19; Monte (2.ª parte), dia 26; e Vales (3.ª parte), dia 2 de Novembro.

Portanto, Penso terá o seu dia no próximo domingo e tudo leva a crer que o leilão irá despertar um grande interesse, dado o afã que já se vai vendo; pois o mesmo lado irá apresentar dois grupos de raparigas que já trabalham canseirosamente para que cada um apresente o melhor possível.

Dentro dos nossos poucos conhecimentos na matéria, pois outro júri certamente não haverá, faremos aqui, no final dos três leilões (talvez em 7 de Novembro) um comentariozinho aos grupos que nos parecerem de melhor cabimento e apresentação e que encerrem em si um mais profundo sentido do objectivo em vista, para honra e estímulo de cada um, e noticiaremos também, se possível, o total da receita de cada domingo.

Os grupos do próximo domingo devem partir do lugar de Penso por volta do meio dia e meia hora, em direcção ao Salão Paroquial, junto do qual se procederá ao leilão.

### Carteira do leitor

*Fazem anos* — Hoje, a Sr.ª Maria Pimenta, esposa do nosso bom amigo Sr. Manuel Machado; e o Sr. Luís Francisco de Faria, este de Gandarela.

Muitas felicidades a ambos são os votos do Sr. Manuel Ribeiro de Matos.

— Tem passado bastante doente a Sr.ª Júlia Martins Pinheiro, esposa do nosso particular amigo Sr. João Martins de Barros, de Serzedelo, benquisto carteiro em Riba d'Ave, Guardizela e Serzedelo.

Rápidas melhoras são os nossos votos.

### Curiosidades

De desgraça será o ano 2000, no qual, segundo recentes declarações feitas ao «Daily Telegraph» por o professor inglês Angelischf, todos os seres humanos serão surdos, devido — afirma o cientista — às vibrações ultra-sónicas produzidas por certos aparelhos modernos.

— Isso também já nos queria parecer, pois o mundo está cheio de surdos (que não ouvem mesmo nadinha) e ainda estamos apenas em 1958. — *C.*

## Campelos

### Reabriram as escolas

Após as férias de Verão, reabriram novamente as escolas. Alegram-se os rústicos caminhos das nossas aldeias, com a algazarra constante dessas crianças de sacola a tiracolo, que se dirigem para as aulas. Voltou, pois, a registar-se movimento desusado nas estradas e caminhos dos nossos meios rurais. Na ânsia de aprender a ler, as nossas escolas registam grande afluência de crianças, que excede, de longe, a sua lotação. Há, por isso, um desdobramento de aulas para atenuar em parte a exiguidade das salas. No que diz respeito à nossa terra, a falta de salas — salas espaçosas e airosas — é confrangedora. O pupuloso lugar de Campelos, por exemplo, onde avulta número elevado de crianças na idade escolar, sòmente tem um edifício com duas salas, onde, apesar de haver vários turnos de aulas, estas ficam com a lotação excedida, dificultando imenso a acção dos professores. Em São João, Vila Nova de Sande, Brito, Silvares, etc., verifica-se o mesmo, acrescendo que alguns edifícios se encontram em muito mau estado, com manifesto prejuízo para o bem-estar das crianças e seus professores. É de toda a conveniência o aumento de edifícios escolares com condições apropriadas para poderem desempenhar cabalmente a nobre missão para que foram criados. A continuar assim, os resultados não podem ser animadores, muito embora a competência e boa-vontade dos professores procure, mas em vão, suprir esta lacuna. Já em 1940 dizia o saudoso e sempre chorado Padre Francisco José Ribeiro, no seu livro *Paróquia de S. João de Ponte,* referindo-se às escolas da sua paróquia: — «Possui esta paróquia três escolas primárias oficiais, *ainda insuficientes* para ministrar a instrução das primeiras letras aos filhos do povo».

— Que havemos de dizer nós agora, que já lá vão quase vinte anos e os edifícios escolarés são os mesmos, à excepção de mais uma casa, alugada para o efeito, no lugar do Poço, junto à estrada camarária e que, deve frisar-se, não reúne os requisitos indispensáveis a uma boa escola. Nesta vintena de anos, a população infantil aumentou consideràvelmente e por isso a frequência às escolas é muito maior do que então. Como podem, pois, os actuais edifícios escolares da nossa terra comportar tantas crianças que querem, devem e precisam de aprender a bela língua que «por Camões foi cantada», para melhor poderem servir-se a si mesmas e ser úteis à própria Pátria? Com as salas de aula superlotadas, como se verifica nos meios rurais, torna-se difícil, senão impossível, a perfeita educação cívica, intelectual e moral das crianças dos nossos dias. Urge, portanto, solucionar este momentoso problema.

### Cautela com os animais

Foi mordido por um cão de guarda duma casa de lavoura, onde já tinha conhecimento, o menor Agostinho Monteiro Ferreira Inocêncio, de 12 anos de idade, filho dos operários José Ferreira Inocêncio e Odília Rosa Monteiro, que teve de ser hospitalizado devido à gravidade dos ferimentos.

### Sociedade

— A passar a época das colheitas, encontra-se nas suas propriedades de S. João de Ponte, o Sr. Dr. João Gaudy Matos Chaves, de Lisboa.

— Esteve entre nós, regressando já à sua casa em Barrimau, Famalicão, com sua esposa e filhinhas, o Sr. Eng. Francisco Manuel Pinto de Oliveira.

— A passar umas bem merecidas férias, encontra-se na aldeia de Ancede, Baião, na ilustre Casa de Esmoriz, a família do Sr. Eng. Pedro Sottomayor Negrão.

— Em casa de seus pais, em Campelos, está com sua esposa e filhinhos o nosso prezado amigo Sr. António Soares Teixeira, 1.º Sargento do Exército, em serviço no GACA n.º 1, em Cascais. — *C.*

## Caldas das Taipas

### José de Oliveira Pinto

Causou profundo pesar nesta vila a notícia do falecimento do nosso prezado amigo Sr. José de Oliveira Pinto, ocorrido na freguesia de Ronfe.

O saudoso extinto, que durante muitos anos frequentou as Termas das Taipas, foi sempre um amigo desta terra, tendo-se interessado, como vice-presidente da Câmara e como conselheiro municipal, pelo seu progresso e desenvolvimento.

São, por isso, devidas à sua memória estas despretensiosas referências, como prova de apreço e gratidão.

### O mercado das Taipas

Já aqui por várias vezes temos feito alusão ao facto de alguns ambulantes montarem as suas quitandas junto dos estabelecimentos comerciais da Vila, a ponto de impedirem ou dificultarem a entrada de pessoas nos mesmos estabelecimentos, quando se realiza o mercado semanal.

A local publicada no último número do *Notícias de Guimarães* vem confirmar o acerto dos nossos reparos. Oxalá que quem de direito ponha termo à razão dos reparos muito justamente feitos. — *C.*

# Esta freguesia está para Guimarães, como Guimarães esteve para Lisboa

## afirma ao "Notícias de Guimarães" o Presidente da Junta de Freguesia de Moreira de Cónegos

*Guardizela, 30.*

Cumprindo uma missão e acedendo a um imperativo de consciência quisemos ouvir, há dias, o Sr. Álvaro de Almeida, Presidente da Junta de Freguesia de Moreira de Cónegos e industrial naquela importante localidade.

A essência das suas declarações não constitui para nós motivo de novidade, pois elas (as declarações), que gravitam à volta duma velha e justa aspiração das gentes de Moreira de Cónegos, há muito e por mais de uma vez nos foram feitas por o Sr. Abílio Magalhães Barbosa de Matos, Secretário da mesma Junta de Freguesia e pessoa, por sinal, também dotada de um espírito muito interessante.

Trata-se da estrada da Estação da C. P. de Lordelo a Vizela, cuja concretização é um velho sonho de Moreira de Cónegos que por ela é atravessada.

— Antes de mais nada quero dizer-lhe — afirma-nos o nosso ilustre entrevistado — que tenho pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal de Guimarães a maior veneração e nele deposito toda a minha confiança e, apesar de não continuar na Junta, isso não é motivo para que deixe de querer o bem de Moreira de Cónegos — antes pelo contrário — hei-de fazer sempre todos os possíveis por uma freguesia maior.

— Qual é, pois, no entender de V. Ex.ª a necessidade número um para esta freguesia?

— Para esta freguesia, como de resto para a região, a primeira necessidade é, evidentemente, a construção da estrada da Estação de Lordelo (seja assim) a Vizela; pois neste capítulo, como em tantos outros, Moreira de Cónegos está muito mal servida. Os fontanários, por exemplo, é outro problema que muito nos aflige.

Aqui o Sr. Presidente fez uma pausa, reflectiu e principiou então a contar-nos uns factos que neste relato têm o seu cabimento.

Disse que os habitantes do lugar de Pereiras construíram no local um poço a expensas suas (medite-se nisto) e a Junta de Freguesia que vai colocar lá uma bomba, por mais não poder fazer.

— Veja ainda o que seria Moreira de Cónegos se do lugar de Caneiro fosse aberta uma via larga e recta à Estrada Nacional!? — observa ainda o Sr. Álvaro Almeida.

A uma pergunta do correspondente, afirma:

— Moreira de Cónegos tem vinte e sete fábricas (não confundir) e paga à Câmara à volta de oitocentos e cinquenta contos por ano. Dessa soma (de aparência astronómica) recebe (a insignificância de) pouco mais de dez por cento desse dinheiro para melhoramentos. Ora isto dura há pelo menos dez anos, donde se conclui que Moreira de Cónegos é para Guimarães o que Guimarães foi para Lisboa, e eu pedia-lhe que por intermédio do *Notícias de Guimarães* se fizesse eco deste estado de coisas; pois, como disse, tenho as melhores esperanças no Sr. Presidente da Câmara, mas não faz sentido que uma freguesia como esta viva em semelhante monotonia com respeito a realizações.

— E' mister acabar com este estado de coisas — afirma o Sr. Presidente — e tem razão.

Moreira de Cónegos é uma importante localidade (uma aldeia — como muito bem afirmava o ilustre colaborador deste jornal Senhor Dr. Hugo de Almeida no número anterior — bem digna de melhor sorte).

Daí o natural descontentamento daquele povo, ainda há bem pouco tempo demonstrado.

Interessa, pois, que o erário municipal se estenda a todo o concelho e não fique simplesmente na mesa de honra.

Acaso já algum dia se ouviu dizer que os ramos não pertencem à árvore?

Alinde-se o tronco mas não se esqueçam os membros.

«Se queremos que o país colabore numa obra de renovação social urge, antes de mais nada, dar aos órgãos de administração paroquial meios de acção, possibilidades de se transformarem em agentes de progresso social».

«Limitadas apenas a passar atestados, as Juntas de Freguesia estão condenadas à inacção, reduzidas à passividade». — *C.*

# "NOTÍCIAS" DO ENIGMISTA

ÓRGÃO DO *"NÚCLEO ENIGMISTA VIMARANENSE"*

ORIENTAÇÃO DE ODANAIR E NERU-LATINO

DICIONÁRIOS "SINÓNIMOS" DA T. E. JAIME SEGUIER A. MORENO E. PINHEIRO F. TORRINHA

ANO I | CORRESPONDÊNCIA A A. F. COSTEIRA, Caneiros—Guimarães | N.º 25

## TORNEIO FUNDAÇÃO
### 5.ª ETAPA

### DECIFRAÇÕES

*Armas* — Carabina, Pistola, Adaga, Espada, Revólver, Florete, Besta, Sabre, Espingarda.

*Transportes* — Comboio, Barco, Carroça, Avião, Bicicleta, Carruagem, Sege, Camioneta, Automóvel.

*Profissões* — Sapateiro, Barbeiro, Coveiro, Motorista, Alfaiate, Médico, Padeiro, Ferreiro, Caixeiro, Guarda, Oleiro.

*Instrumentos musicais* — Oboé, Violino, Trompa, Ocarina, Viola, Banjo, Clarim, Corneta, Harpa, Flauta, Órgão.

### DECIFRADORES

*Totalistas* (40 pontos) — A. L. C., A. Maduro, Adogmor, Aileda, Alutero, Amarilis, An-Bar, Antony, Antopa, Argaci, Azevedo, Bártolo, Benfiquista, Calberto, Caldas, Chiquinho, Cicrano, Constantino, Coração de Leão, D. Sanhudo, Diadema, Dino Avlis, Diro Nino, Doremi, Edifer, Eltino, Elvânio, Emília, Estudante, Ferfer, Florosa, Fulana, Ignorante, Ivanhoe, João-Ninguém, Joba, Jodogas, Jónio, Libamar, Lídia, Lúcio, Lusbel, Marete, Maria da Cidade, Maria Serrana, Marília, Mário Pedroso, Mário Toural, Marisé, Mary Oldifer, Mercúrio, Miguel Craveiro, Mindita, Misinha, Snak-Bar, Mité, Nanquim, Olias, Pescador, Pinto (A. Santos), Principiante, Reguila Bolinhas, Rocas, Roubei Marilen, Saloio, Santos (Júlio Gomes dos), Sarcol, Siavoni, Sr. Regedor, Tirone Pobre, Tó-Max, Toni-Mar, Vilar, Vítor Hugo, Zé Chamusca, Zéluiz, 3-M. S.

*Com 39 pontos* — Tótó.

*Com 36 pontos* — Tónio, Zero, Vixis.

Continuam a faltar *Madi* e *Esfinge.*

### COMENTÁRIO

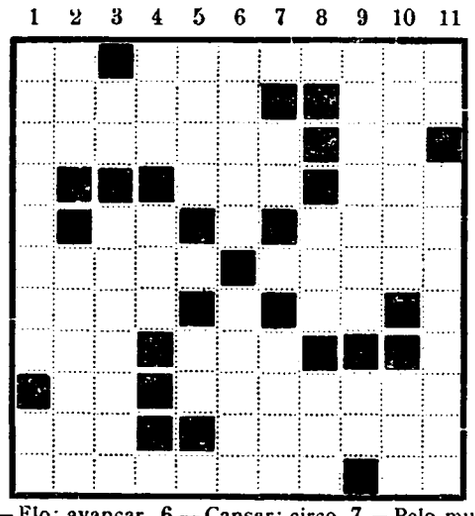
Esta foi a etapa mais longa que os concorrentes tiveram de «percorrer» até à data. Mesmo assim a quase totalidade conseguiu arrecadar a pontuação completa, deixando para a última jornada a fragmentação (se a houver...) do numeroso pelotão.

A etapa, sem ser difícil, prestava-se a precalços pela variedade dos assuntos tratados mas os concorrentes souberam munir-se de todo o cuidado para não tropeçarem. Apenas *Tótó* perdeu um ponto quando não dispôs as letras de modo a formar o nome da Ocarina — o instrumento de barro que dá sons de flauta, e *Tónio, Zero* e *Vixis* perderam 3 pontos pelo mesmo motivo e ainda por desconhecerem a Adaga e a Besta. Agora aguardemos mais uns dias, até à saída dos resultados da última etapa, para vermos as surprezas que ela nos reserva.

### NOTICIÁRIO

Acaba de aparecer o ***Dicionário Botânico,*** de *Jocati,* numa edição primorosa da T. E. Como esta obra se destina muito especialmente a auxiliar os Charadistas e Cruzadistas na decifração, aconselhamos os nossos colaboradores a adquiri-lo dirigindo-se para o efeito ao confrade *Jofralo* — João Francisco Lopes — Rua da Madalena, 88 — Lisboa. Dado que se trata duma obra de grande valor. em breve nos referiremos a ela mais detalhadamente.

## PALAVRAS CRUZADAS
### PROBLEMA N.º 25



*Horizontais:* 1 — Aqui; pão usado nas festas de baptizado, em Guimarães. 2 — Cede; rude. 3 — Pequeno marrão; grito de dor. 4 — Pequeno poema medieval; moléstia. 5 — Campeão; planta brasileira. 6 — Borracho; palcos. 7 — Carruagem; além. 8 — Camareira; raiva. 9 — Figura; repisada. 10 — Grita; historiar. 11 — Apontara; caminhava.

*Verticais:* 1 — Camisa de pano mais ou menos transparente; Cânhamo da Índia. 2 — Renque; vestidos de mulher de pano precioso. 3 — Seguir; cobriras de areia. 4 — Custar; assentimento. 5 — Elo; avançar. 6 — Cansar; circo. 7 — Pelo mundo; desejar. 8 — Suavidade; agora. 9 — Aguça; progredir. 10 — Abrilhantara; votai. 11 — De outro modo; riscara.

ARGACI — Guimarães.

# Câmara Municipal de Guimarães

## Reunião de 1 de Outubro de 1958

A Câmara, sob a presidência do Ex.mo Sr. Dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, deliberou:

— Enviar à Direcção Geral dos Serviços de Urbanização, para efeito de aprovação, o projecto de rectificação da E. M. 512, entre Moreira de Cónegos (E. N. 105) e a Vila de Vizela — 1.º troço, a efectuar em regime de comparticipação com o Estado;

— Abrir concurso público para a 1.ª fase dos trabalhos de terraplanagens da obra do arruamento desde a Estrada de Fafe no Beringel, até ao Campo de S. Mamede;

— Partindo do pressuposto de que se trata de caminho público, deliberou se notificasse o responsável pela vedação do caminho dos Defuntos que parte da Estrada da Penha, no lugar da Cantonha, e atravessa o caminho de ferro, na freguesia da Costa, a proceder à sua demolição no prazo de 5 dias, findo os quais não tendo sido cumprida a notificação, mandar demolir a vedação pelo pessoal ao seu serviço e exigirá a indemnização que lhe é devida;

— Assumir o encargo do pagamento da renda mensal pelo salão que o Sr. Manuel Ribeiro da Silva está disposto a construir, desde que satisfaça as exigências indicadas pela Direcção Escolar;

— Dar satisfação ao solicitado pelo Posto da G. N. R., desta cidade, fornecendo diverso mobiliário para a camarata daquele aquartelamento recentemente beneficiada;

— Atender também o pedido do Director da Escola Masculina de Urgezes, autorizando a substituição das carteiras ali existentes e em mau estado de conservação e ordenando o fornecimento de outras;

— Conceder um subsídio à Junta de Freguesia de Calvos destinado a obras de reparação do Cemitério Paroquial;

— Colher propostas para reparação do Cemitério de Aldão;

— Colher propostas para reparação e pintura dos taboleiros de ferro existentes no Mercado;

— Mandar proceder por administração directa a obras de adaptação, no edifício escolar de Conde, a parte de habitação a uma sala de aula;

— Aprovar o aditamento das alterações introduzidas no grupo de 3 casas que Jerónimo Salgado mandou construir no lugar da Veiga, da freguesia de Silvares;

— Aprovar também o aditamento das alterações introduzidas na obra que António Pereira de Macedo e sua irmã Maria da Conceição Pereira de Macedo trazem em construção no lugar de Campelos, da freguesia de Ponte;

— Aprovar ainda o projecto apresentado por D. Maria da Glória Dias Machado Pereira das alterações a efectuar nos seus prédios sitos no Alto da Bandeira, em Creixomil, mediante condições;

— Conceder o direito ao uso de 2m2 de terreno no coval n.º 176, canteiro n.º 20 do Cemitério Municipal, a Álvaro Afonso Ribeiro de Macedo, para uma sepultura perpétua;

— Conceder licença à firma Sousa & Coelho para montagem de um reclamo luminoso na frente do seu estabelecimento, sito no Largo do Toural;

— Conceder licenças para obras a: Francisco da Cruz Mendes, Abílio Fernando Pinto Figueiredo de Barros, Adriano da Silva Sousa, António de Sousa, António dos Santos, João Teixeira e Silvino dos Santos Pinto Brasil;

— Sancionar os despachos do Excelentíssimo Presidente que concederam licenças para obras a: Abílio Magalhães Barbosa de Matos, Cooperativa «O Lar Familiar», Alberto Pimenta Machado & Filhos e Bento Pereira.

# da cidade

## Boletim Elegante

***Aniversários natalícios***

Fizeram e fazem anos:

*No dia 7, o nosso querido amigo Rev. P.e Alexandrino Brochado, ilustrado Capelão da capela das Almas, de Santa Catarina, no Porto, e Prof. Liceal; no dia 9, o sr. António Lino da Costa Ribeiro, filho do nosso bom amigo sr. António Francisco Ribeiro; no dia 10, o nosso prezado amigo sr. José Puga Gonzalez; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. Vasco de Freitas Oliveira Basto e Rogério da Silva Crespo Guimarães e* mademoiselle *Maria Isaura de Freitas Costa; no dia 15, o nosso prezado amigo sr. Augusto Joaquim da Silva, estimado solicitador da nossa comarca; no dia 16, o sr. Armando António Rodrigues de Araújo, filho do nosso bom amigo sr. Joaquim Rodrigues de Araújo, da Carreira (Famalicão);* mademoiselle *Alda Pinto Rodrigues, filha do nosso prezado amigo sr. dr. Francisco Pinto Rodrigues* mademoiselle *Maria Carolina Machado Pinheiro, filha do nosso amigo sr. Alberto Augusto Pinheiro, e os nossos prezados amigos srs. Fernando Francisco Loureiro Moreira e João Carlos Soares; no dia 17, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. Vital Marques Rodrigues; no dia 18, os nossos bons amigos srs. Luís Gonzaga Machado Pinheiro, residente no Brasil, e Tomás Rocha dos Santos, e a sr.a D. Emília Vinagreiro; no dia 19, o menino José Manuel Machado Ferreira, filho do nosso bom amigo sr. Joaquim Ferreira, e os nossos prezados amigos srs. José Rodrigues Guimarães, conceituado industrial em Pevidém, Domingos António Leite Freitas Fernandes, José Francisco Rosas Guimarães, e eng.o Augusto José Mendes Ferreira da Cunha.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

**José Maria Pinto de Almeida** — *Faz anos amanhã, dia 13, o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. José Maria Pinto de Almeida, Vereador Municipal, a quem felicitamos.*

*

*Faz anos amanhã a menina Maria Zulmira Alpoim Balão Marçal Correia, estremecida filha da sr.a D. Balbina Alpoim Bourbon Marçal Correia, residentes na cidade da Beira, e neta da sr.a D. Modesta de Sá Alpoim de Meneses e do nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Meneses.*

*Muitos parabéns.*

*

*Completa no próximo dia 19, quatro risonhas primaveras, a interessante menina Maria Manuela, filhinha dedicada do nosso bom amigo sr. Aurolino Ferreira Alves e de sua esposa a sr.a D. Maria José Eugénio Alves.*

*Muitos parabéns.*

*

*Completa no próximo dia 17, sete risonhas primaveras, a interessante menina Maria da Graça, filha da sr.a D. Olívia Teixeira da Silva Dias e do sr. Francisco Xavier Vaz Vieira Dias, de Santo Tirso.*

*Muitos parabéns.*

***P.e Henrique Osório***

Este ilustre e virtuoso eclesiástico, que tem servido com muito zelo a V. O. T. de S. Francisco como Comissário, vai ocupar o lugar de Capelão do Bom Jesus do Monte, em Braga, deixando saudades nesta cidade.

S. Rev.a teve a gentileza de vir à nossa redacção apresentar cumprimentos de despedida, o que nos cumpre registar com os melhores agradecimentos.

***Almirante A. G. Sousa Ventura***

Teve a amabilidade de vir agradecer-nos as referências feitas a seu respeito, e o cuidado que nos mereceu a sua saúde, o nosso ilustre Conterrâneo e Amigo sr. Almirante António Garcia de Sousa Ventura, que já se encontra quase restabelecido dos seus incómodos.

Registamos tão penhorante deferência e continuamos a fazer votos pelo restabelecimento do distinto Oficial da Armada.

***Rev.a Madre Maria Benedita Felgueiras***

Foi nomeada Superiora da Casa do Menino Deus, de Barcelos, a Rev.a Madre Maria Benedita Felgueiras.

***Dr. Nuno Simões***

Tem passado ligeiramente incomodado, em Lisboa, este nosso querido amigo, a quem desejamos breve e completo restabelecimento.

***Bodas de Ouro***

No passado dia 10, festejaram as suas «Bodas de Ouro» matrimoniais, o nosso prezado amigo sr. Francisco Alberto Costa e sua esposa a sr.a D. Raquel Maria da Silva Correia Costa.

O nosso amigo, importante negociante portuense, proprietário e capitalista, que iniciou a sua vida comercial nesta cidade, como marçano, mercê do seu trabalho, honestidade e carácter probo, ascendeu à justa posição que ocupa, bem merece a estima dos amigos e a consideração de quantos apreciam as suas belas qualidades.

Juntamos por isso as nossas felicitações às que recebeu, fazendo votos pelo prolongamento da vida do casal.

***Pedidos de casamento***

O considerado industrial vimaranense e nosso prezado amigo sr. Alberto Costa e sua esposa a sr.a D. Maria Amélia Martins Sequeira Braga Costa, para seu filho o sr. Miguel José M. Sequeira Braga, pediram a mão da sr.a D. Ermelinda Alice da Costa Ferreira, filha do importante industrial em Riba d'Ave, sr. Joaquim da Costa Ferreira e de sua esposa a sr.a D. Mercedes Costa Ferreira, devendo o enlace realizar-se brevemente.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

— Foi pedida em casamento no passado dia 5, em casa de seus tios o comerciante sr. Augusto Mendes e sua esposa sr.a D. Alice Mendes, nesta cidade, a gentil menina Maria Alice Ferreira da Silva, filha do sr. José Ferreira da Silva, já falecido e da sr.a D. Catarina Mendes, para o sr. eng.o Albino Pinto da Silva, filho do sr. Luís Pinto da Silva e da sr.a D. Laura Pinto da Silva, da Póvoa de Lanhoso, devendo realizar-se em breve o auspicisso enlace.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

***Nascimentos***

Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.a D. Nélia Maria da Cunha Marinho Geraldes, esposa do sr. Fernando Teixeira Carneiro Geraldes e filha do nosso prezado amigo sr. dr. Alvaro R. Marinho, de Joane, e de sua esposa a sr.a D. Maria do Céu Gonçalves da Cunha Marinho.

Mãe e filha estão bem. Parabéns.

— Teve o seu bom sucesso, dando à luz uma criança do sexo feminino, a sr.a D. Maria da Conceição Puga da Silva, esposa do nosso prezado amigo sr. Júlio Martins da Silva.

Mãe e filha estão bem. Parabéns.

***Baptizado***

No dia 14 do mês findo baptizou-se na Igreja de Santo António dos Capuchos, uma criança, filha do nosso bom amigo sr. José de de Oliveira, guarda-livros do B. N. U., e de sua esposa a sr.a D. Maria Luísa Gonçalves de Oliveira.

Foram padrinhos os tios paternos do neófito, o nosso bom amigo sr. José da Silva Palmeira e sua esposa a sr.a D. Ana de Oliveira Palmeira, chamando-se a criancinha José Gerardo.

***Partidas e chegadas***

Com sua filha partiu para as suas propriedades de Airães — Vila Verde (Douro) o nosso prezado amigo sr. Major António J. T. de Miranda.

— Com sua esposa esteve, no domingo, nesta cidade o nosso prezado amigo sr. dr. António Mota Rebelo da Cruz.

— Com sua família regressou das suas propriedades das Pedras Alveiras, desta cidade, à sua Casa de Meilão, em Aguas Santas, o nosso querido amigo sr. Doutor António Paúl.

— Esteve a veranear na Penha, tendo já regressado à cidade, o nosso prezado amigo sr. Custódio Ferreira de Oliveira.

— Com sua família regressou a Lisboa, o nosso prezado amigo sr. dr. Serafim Ferreira de Oliveira.

— Com sua família regressou da Costa da Caparica, a Lisboa, o nosso prezado amigo sr. Tenente Carlos Coelho.

— Andou em digressão por Espanha, tendo regressado já a Guimarães, o nosso solícito correspondente em Covas sr. Manuel Teixeira da Silva Martins.

— Com sua família regressou de Lamego o nosso prezado amigo sr. Tenente Diamantino do Nascimento Morgado, que retomou as suas funções de Comandante da Secção da G. N. R.

— Com sua esposa regressou de Lisboa, retomando as suas funções de Comandante da P. S. P., o sr. Tenente Arlindo A. Poças Falcão, digno Delegado dos Serviços de Censura nesta cidade.

— Após a ausência de alguns meses, regressou a esta cidade o nosso prezado amigo sr. Carlos Pinto Leite.

— Com suas famílias regressaram a esta cidade, de S. Martinho de Dume, o nosso prezado amigo sr. dr. Joaquim de Oliveira Torres; de Tenões (Braga), o também nosso prezado amigo sr. dr. João Fernandes de Freitas; e de S. João de Ponte, o nosso prezado amigo sr. dr. Carlos Saraiva, presidente da Junta de Turismo da Penha.

— Regressou ao Porto, após haver passado umas semanas nesta cidade, a sr.a D. Ana de Casiro Barros, ilustre Directora do Estabelecimento Humanitário do Barão de Nova Cintra.

— Regressou do estrangeiro o nosso prezado amigo sr. Manuel Machado, proprietário da Foto-Beleza.

— Com sua família regressou das suas propriedades de Braga, a esta cidade, o nosso prezado amigo sr. Manuel de Almeida Barreira.

— Após uma digressão pelo País, regressaram a esta cidade, com suas esposas, os nossos prezados amigos srs. Alexandre Teixeira e Mário Simões de Sousa Meneses, e o sr. Rui Jorge Lopes Teixeira.

— Com sua esposa, regressou das suas propriedades de S. Mamede de Aldão o nosso prezado amigo sr. Artur Martins da Silva.

— Tem estado nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Jacinto Guimarães, residente em Lisboa.

— Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. João Pedro de Sousa Guise.

— Regressou, com sua família, da Covilhã a Lousada, o nosso prezado amigo sr. eng.o Joaquim Ferreira Leão.

— Encontra-se nesta cidade, e deu-nos o prazer de sua visita, a sr.a D. Lucinda dos Anjos Pimenta.

— Com sua esposa encontra-se nas suas propriedades de Fafe, o nosso prezado amigo sr. Tenente Alvaro Martins de Campos.

— Esteve anteontem nesta cidade, e deu-nos o prazer de sua visita, o nosso ilustre colaborador e amigo sr. A. L. de Carvalho.

— Com sua família, esteve nesta cidade o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

***Praias e Termas***

Regressou de Caldelas o nosso prezado amigo sr. dr. Gaspar Gomes Alves, digno Chefe da Secretaria da Câmara Municipal.

— Das termas de Caldelas, onde esteve a uso de águas, partiu para Gafanha da Nazaré o nosso prezado amigo sr. João Bolais Mónica, construtor naval.

— Encontra-se nas mesmas termas o nosso prezado amigo sr. arquitecto Manuel A. D. Gaspar, de Carapeços.

— Partiu de Caldelas, para Paços de Ferreira, o nosso bom amigo sr. Joaquim Alves Carneiro Faizão, residente em Macau.

— Com sua esposa e seu filho sr. Casimiro Coelho de Lima, regressou de Vidago o nosso querido amigo sr. Albano M. Coelho de Lima.

— Também regressou de Vidago o nosso prezado amigo sr. José Rodrigues Guimarães.

***Doentes***

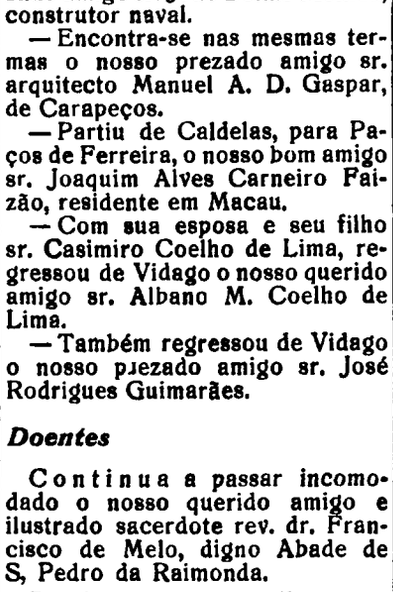
Continua a passar incomodado o nosso querido amigo e ilustrado sacerdote rev. dr. Francisco de Melo, digno Abade de S, Pedro da Raimonda.

Desejamos as suas melhoras.

## Falec. e Sufrágios

### Alberto Teixeira Carneiro

Na residência de sua irmã, sr.a D. Maria de Lourdes Teixeira Carneiro Leite, e cunhado sr. José Maria Leite, à rua de Vlia Verde e confortado com todos os Sacramentos da S. M. Igreja, finou-se na terça-feira à noite, após cruciantes sofrimentos e com 72 anos de



idade, o antigo industrial sr. Alberto Teixeira Carneiro, que era dotado de excelentes dotes de espírito e de carácter, sendo geralmente estimado em toda a cidade.

O extinto prestou relevantes serviços às Oficinas de S. José, que lhe ficam devendo importantes benefícios e aos Bombeiros Voluntários, tendo feito parte dos Corpos Directivos de ambas aquelas Instituições.

Republicano e democrata devotado, fez parte também de uma Vereação Municipal.

De feitio expansivo e irrequieto, era contudo muito bondoso, amigo dos pobres que generosamente protegia na medida das suas possibilidades.

O extinto era irmão das sr.as D. Maria de Lourdes Teixeira Carneiro Leite, casada com o sr. José Maria Leite, D. Maria Beatriz Teixeira Carneiro Oliveira, casada com o sr. Belmiro Mendes de Oliveira, D. Estela Teixeira Carneiro Baptista e D. Maria da Madre-de-Deus Teixeira Carneiro, e dos srs. Bráulio Teixeira Carneiro, casado com a sr.a D. Maria dos Anjos Freitas Carneiro, Adelino Teixeira de Aguiar e António de Aguiar (ausente no Brasil), e tio das sr.as D. Maria de Belém Oliveira Mendes, casada com o sr. Francisco José da Cruz Pereira Mendes. D. Fernanda Oliveira Lobo, casada com o sr. dr. Antero Calheiros Lobo, D. Rosa Ribeiro de Oliveira Pereira, casada com o sr. Fernando Gilberto de Sousa Pereira, D. Inês Ribeiro de Oliveira Almeida, casada com o sr. José Maria de Almeida, D. Maria Amélia, D. Maria Noémia, D. Maria de Lourdes e D. Ana Maria Angela Teixeira de Aguiar, e dos srs. António José Teixeira de Oliveira, cap. Francisco Teixeira de Aguiar, Alberto Teixeira Baptista e Fernando Ribeiro de Oliveira, casado com a sr.a D. Maria da Conceição Pimenta Oliveira.

O seu funeral realizou-sa na quinta-feira do templo de S. Francisco, onde foi rezada missa do corpo presente às 11 horas, para o Cemitério Municipal, onde o cadáver ficou inhumado em jazigo de Família.

Aos actos fúnebres assistiram numerosos amigos do saudoso finado e da família, as Instituições Beneficentes, Bombeiros Voluntários, etc., tomando parte no préstito fúnebre bastantes dezenas de automóveis. A chave do caixão foi entregue ao sr. José Maria Leite, cunhado do finado. O féretro foi conduzido pelos Bombeiros Voluntários, pegando às borlas seis internados das Oficinas de S. José.

O nosso jornal fez-se representar pelo seu director, que também representava os srs. Doutor António Paúl, do Porto e Prof. Mário de Sousa Meneses.

A toda a samília dorida apresentamos as nossas mais sentidas condolências.

### D. Maria da Silva Oliveira

*Campelos, 8* — Confortada com os Sacramentos da Santa Igreja, faleceu na sexta-feira passada, dia 3 do corrente, na Casa da Lage, freguesia de S. João de Ponte, a sr.a D. Maria da Silva Oliveira, muito estimada nesta terra pelos seus bondosos dotes de coração.

A saudosa extinta, que contava 77 anos de idade, era irmã da sr.a D. Virgínia da Silva Oliveira e tia da sr.a D. Laura Lickfold Oliveira Araújo, esposa do sr. eng.o António de Araújo, e do sr. Alvaro Cândido de Lemos, e ainda das sr.as D. Maria de Oliveira Faria, casada com o sr. Manuel Pereira Caldas, e D. Aida de Oliveira Faria, casada com o sr. José de Oliveira Reis.

Era também segunda tia das sr.as D. Maria Eugénia Lickfold Oliveira Araújo, esposa do sr. Adelino Larangeiro dos Reis, D. Maria Olinda Lickfold Oliveira Lemos, esposa do sr. eng.o Francisco Manuel Pinto de Oliveira e D. Maria do Carmo da Silva Oliveira Caldas, esposa do sr. José Maria Ribeiro.

O seu funeral, que se realizou no dia seguinte para o cemitério paroquial, foi muito concorrido, constituindo verdadeira manifestação de pesar.

A' família enlutada apresentamos as nossas condolências. — *C.*

### Júlio Mendes

**(Sargento reformado)**

Após cruciantes sofrimentos e contando 50 anos de idade, faleceu anteontem na sua residência, à rua da Raínha, o sr. Sargento Júlio Mendes, casado com a sr.a D. Helena da Silva Soares de Moura Faria Mendes e pai da sr.a D. Júlia Helena Faria Mendes Pereira, casada com o sr. José Dias Pereira, e do sr. Fernando Júlio F. Mendes.

O extinto era muito estimado e possuía excelentes qualidades.

O seu funeral efectuou-se ontem, às 17 horas, para o Cemitério Municipal, tendo-se incorporado no préstito fúnebre muitos amigos e pessoas das relações da família dorida, à qual apresentamos sentidas condolências.

### D. Luísa da Conceição Pinto

Faleceu com 77 anos a sr.a D. Luísa da Conceição Pinto, mãe das sr.as D. Aida de Sousa Lobo, casada com o sr. Domingos Fernandes, e D. Maria Antónia de Sousa Lobo, ausente em Luanda e do sr. Abílio Pinto de Sousa Lobo, casado com a sr.a D. Armanda da Silva Bastos, e avó dos srs. Domingos José da Silva Fernandes, Abílio de Sousa Fernandes e Carlos Manuel de Sousa Fernandes e da menina Maria Manuela Bastos S. Lobo.

O funeral realiza-se hoje, às 8 horas, na Paroquial da Oliveira.

Os nossos pêsames à família.

### D. Emília Soares de Oliveira

**Missa do 2.º aniversário**

Passando no próximo sábado, dia 18 do corrente, o segundo aniversário do falecimento da sr.a D. Emília Soares de Oliveira, será rezada missa por sua alma na igreja da Misericórdia, às 8,30 horas.

## Vida Católica

**Visita Pastoral a S. Paio**

O Rev.mo Semhor D. Francisco Maria da Silva, Bispo Auxiliar da Diocese, realiza na 4.ª-feira próxima, às 15 horas, a sua visita Pastoral à freguesia de S. Paio, sendo aguardado no templo da Misericórdia, pelo respectivo Pároco e confrarias, após o que fará uma alocução e ministrará o Sacramento do Crisma às crianças.

**S. Francisco de Assis**

Foi adiado para a próxima semana, o tríduo que precede a festividade em honra do padroeiro da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco, e que vai realizar-se no próximo domingo, dia 19, com todo o esplendor litúrgico.

**Serviço de Farmácias**

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao Largo do Toural, Telef. 4329.

**Cão coelheiro** Perdeu-se no dia 2 do corrente, na Carreira do Tiro, em Brito um cão ainda novo, de cor amarela e branca. Dá-se pelo nome de Faneca. Gratifica-se quem o encontrar, procedendo-se a todo o tempo contra quem o retiver.

Informar Alvaro Cândido de Lemos — Campelos. 544

**Taxis Toural, Lid.ª**

GUIMARÃES

CERTIFICO: Que por escritura com data de dezoito de Julho de mil novecentos e cincoenta e oito, exarada no meu livro de notas número dois-C, a folhas oitenta e seis, *Francisco da Costa e Silva Guimarães*, casado, industrial, e *Manuel Joaquim Teixeira*, viúvo, também industrial, moradores na cidade de Guimarães, constituiram entre si uma sociedade comercial por cotas de responsabilidade limitada, da qual ficaram sendo os únicos sócios, sendo as estipulações do seu pacto social as constantes dos artigos seguintes:

1.º

A sociedade adopta a denominação Taxis Toural, Limitada, tem a sua sede na garagem à Travessa dos Bimbais, sem número de polícia, durará por tempo indeterminado, com começo nesta data, sendo o seu objecto a indústria de transportes em automóveis de aluguer.

2.º

O capital social, já integralmente realizado, é de vinte mil escudos, dividido em duas cotas iguais que os sócios subscrevem, de dez mil escudos cada uma, tendo a do sócio Manuel Joaquim Teixeira, toda em dinheiro, já dado entrada na caixa social, e a do sócio Francisco da Costa e Silva Guimarães, representada pela entrada da viatura automóvel ligeiro, marca «Morris» com a matrícula H. C. quinze-cinquenta e cinco na Direcção de Viação de Lisboa e com o registo de propriedade na competente Conservatória número dois mil novecentos e sessenta e sete, do Livro I-B número catorze, carro que no valor igual à sua cota e com todos os correspondentes direitos agremiais e de licenciamento, assim põe em comum e transfere para a sociedade, que dora avante ficará sua proprietária.

3.º

Ambos os sócios são gerentes podendo qualquer deles representar a sociedade nos assuntos correntes, mas nos actos que importem responsabilidade social é indispensável a intervenção dos dois.

4.º

As assembleias gerais, nos casos em que a lei não exigir outras formalidades, serão convocadas por cartas registadas, enviadas aos sócios, pelo menos com cinco dias de antecedência, dispensando-se as convocações quando os sócios assinem as actas. Na dissolução por acordo ambos os sócios serão liquidatários.

5.º

Em todo o omisso regularão as deliberações dos sócios validamente tomadas, a lei de onze de Abril de mil novecentos e onze e demais legislação aplicável.

Secretaria Notarial de Guimarães, dezanove de Setembro de mil novecentos e cinquenta e oito.

546 O Notário,

a) *Luís Filipe Aviz de Brito.*

SEGURO POPULAR DE VIDA

50$00

POR MÊS
QUANTO LHE BASTA PARA
ADQUIRIR UM

SEGURO POPULAR DE VIDA

DA
COMPANHIA DE SEGUROS
IMPÉRIO

E A SUA VELHICE SERÁ ASSIM
MAIS TRANQUILA

O pastor
VELA PELA SEGURANÇA
DAS OVELHAS
O SEGURO POPULAR DE VIDA
VELA PELAS SUAS
ECONOMIAS

COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO
R. GARRETT, 56 LISBOA

Agente em Guimarães, AMILCAR DE SOUSA, Largo do Trovador, 11

# DESPORTO

## *Momento de euforia*

A carreira do Vitória, neste início do «*Nacional*», traz, positivamente, entusiasmados todos os vimaranenses, tanto os adeptos habituais do jogo, como aqueles que vibram quando um acontecimento de qualquer ordem lhes engrandece a terra.

Tal estado de espírito, de verdadeira euforia, criou ao Clube um momento de relativa prosperidade, proveniente da quantidade de novos sócios que têm sido propostos para a colectividade.

E' certo que muitos destes associados já o tinham sido anteriormente, por ventura em momento eufórico como o actual, mas depois deixaram de sê-lo, em hora de desânimo ou de desleixo, com manifesto prejuízo para a agremiação.

Deste modo ocorre-nos lembrar que qualquer administração, para ser bem orientada, tem necessàriamente de se basear nos seus orçamentos, provocando-se a sua ruina quando estes falham.

Ora se a receita ordinária, proveniente das cotizações do Vitória, oscilar, aqueles que têm sobre os seus ombros o encargo de o dirigir, passam momentos verdadeiramente difíceis, que muitas vezes se reflectem na própria equipa de futebol.

Por isso todo aquele que se propôs para sócio do Vitória deve ter a noção exacta das responsabilidades que assumiu e cumprir sempre o que lhe preceituam os Estatutos da colectividade quanto ao pagamento da cotização.

E' esta a ideia que deve orientar todos os novos sócios do Vitória, pois a prosperidade do Clube depende sempre do auxílio monetário que lhe é dado por todos aqueles que vibram com as suas actividades.

Os triunfos que trazem alegria podem num momento transformarem-se em aborrecidas derrotas, pois o futebol é essencialmente um jogo, mas a assistência dos sócios do Clube para com ele não deve diminuir nessas ocasiões, porquanto se houver boa compreensão tudo pode voltar ao ritmo normal, a nova carreira de vitórias.

Foi por isso que levantamos a ideia de que *o Vitória precisa de todos*, mas precisa de todos sempre, em todos os instantes, nos bons e nos maus, para que estes pelo esforço comum se transformem naqueles e que são precisamente os que vivemos agora.

...E agora tudo é euforia: Os dirigentes orientam bem, o treinador está guiando a equipe no bom caminho e os jogadores são dos melhores que existem, capazes até de nunca mais pararem a sua gloriosa carreira de triunfos.

Mas como nem sempre assim acontece, é preciso criar a opinião de que a assistência dos seus sócios ao Vitória, tem que ser permanente e dedicada, porque sòmente do esforço conjugado de todos é que se pode conseguir a continuidade da carreira glorificante que presentemente se vive e que cria a actual hora de euforia.

Assim, depois de expostas estas ideias em relação àqueles que voltaram agora a ser sócios do Vitória, no sentido de lhes lembrar que a sua inconstância na dedicação clubista sòmente prejudica a colectividade que dizem idolatrar, parece-nos oportuno também desenvolver alguns conceitos para todos aqueles que pela primeira vez se inscreveram como associados da colectividade.

Corremos a nossa vista pelo «ficheiro» destes novos associados e verificamos que o mesmo é constituído especialmente por jovens e senhoras. A possibilidade de acomodação, criada com a construção da nova Bancada do Campo da Amorosa, parece que desenvolveu o interesse das mulheres da nossa terra pelo futebol, grande espectáculo da hora presente. Que sejam benvindas e que desenvolvam em si o afecto pelo Vitória, pois todas as obras, sejam de que natureza forem, só atingem a verdadeira plenitude quando acarinhadas pelo sentimento feminino!

Quanto aos jovens, sabêmo-lo bem, que eles darão continuidade ao entusiasmo que os guia presentemente e que os levou a inscreverem-se como sócios do Vitória, ficando nas suas mãos o futuro e a continuidade do Clube.

O Vitória é na realidade a colectividade vimaranense que maiores momentos de entusiasmo cria em todos aqueles que vibram com as glórias de Guimarães. A hora presente é de verdadeira euforia, como acentuamos e traz portanto o entusiasmo bem alevantado em todos nós, mas é necessário que se não perca a mesma fé nas outras ocasiões, pois é nos momentos menos felizes que é preciso carinho e cuidados para não perecerem as obras que se desenvolvem com as melhores das intenções e que pela contingência de si próprias estão sugeitas irremediàvelmente às leis da fortuna.

Nesta hora de euforia lembramos, por isso, novamente, que *o Vitória precisa de todos*, mas de todos mesmo, dos seus associados de muitos anos e dos seus novos adeptos, mas sempre, em todos os momentos, naqueles agradàvelmente bons e também nos outros infelizmente maus.

UM DE NÓS.

# A Prova Maior do Futebol Nacional

## Vitória, 3 — Braga, 1

### Neste momento o Vitória emparceira com o Benfica no primeiro lugar do Campeonato

Quando se realizou o sorteio para o Campeonato deste ano ouviu-se, como voz corrente, a opinião de que o Vitória teria um início de prova aflitivo, pois aparentava-se, como possível aos seus adeptos, que os primeiros pontos só seriam obtidos na 4.ª jornada, precisamente esta a que nos vamos referir. Porém, percorrida esta parcela da prova, verificamos que os prognósticos saíram errados e a equipa vimaranense já traz consigo seis preciosos pontos, que a colocam, para mais ainda, no lugar mais elevado da classificação, na companhia do glorioso Benfica.

Isto mostra a precipitação de certos juizos e reafirma a ideia, por nós aqui desenvolvida, de que numa competição como esta, longa e difícil, todos os resultados são possíveis, tanto os bons como os maus.

O Vitória, depois de um *ensaio* em Braga, na «Festa do Antunes», sofreu um forte revés contra o Benfica, mas depois, reagindo bem a ele, alcançou três triunfos consecutivos que constituem a melhor série da prova, até ao momento.

A valia dos seus actuais elementos, ainda felizmente, salvo uma ou outra excepção, fora da influência das lesões e dos castigos, tem possibilitado exibições convincentes, de criar o entusiasmo nos seus adeptos. E como por outro lado a preparação da equipa, quer física, quer técnica, está a ser orientada em bom sentido, é de esperar que a carreira do Vitória, no Torneio de maior valia do Futebol português, seja brilhante e valiosa.

O lugar ocupado presentemente dá motivo às melhores esperanças e pode criar uma confiança no conjunto de bom proveito e melhores resultados. E' natural que tal venha a acontecer e, deste modo, bem compreendemos o actual entusiasmo geral. Porém, dum momento para o outro, uma tarde infeliz pode possibilitar um resultado menos airoso, criador de descontentamento, e, por isso, é preciso estar-se precavido para o encarar como contingência normal do jogo, capaz de ser recuperável domingos depois.

Esta ideia tem de prevalecer, embora, ao repetir-nos consecutivamente, criemos, nuns tantos menos tolerantes, um antagonismo de opinião porventura desfavorável. Entretanto parece-nos mais lógico este aviso, do que compartilharmos com o entusiasmo geral, pois, como conhecedores do meio, bem sabemos a inconstância dos adeptos locais.

O Campeonato ainda está no princípio e, portanto, muitas voltas ainda dará a sua classificação até se estabelecer como definitiva, mas é de crer que tudo se encaminhe da nossa parte para uma posição sólida, de permanência no torneio, que é a nossa principal ambição e antes de *sonharmos alto de mais* consolemo-nos com esta ideia.

*

O *derby* minhoto não fugiu aos seus aspectos habituais. Foi um jogo de nervos, onde a técnica se perdeu perante o entusiasmo e a energia.

O receio de *baile* por parte da equipa do Vitória, já ensaiado, em Braga, na «Festa do Antunes», levou a equipa bracarense a organizar-se na defensiva, adiantando sòmente o seu avançado-centro e pondo, na linha habitual dos interiores, além destes, os próprios extremos. Tal facto perturbou um pouco a defesa vimaranense, que não se afoitou muito na marcação homem-a-homem, conservando-se na sua zona, tendo tal facto permitido acentuada permuta de passes entre os avançados bracarenses, livres de adversários perto deles, mas que resultavam infrutíferos em virtude de se perderem antes de atingirem a grande área.

Daí resultou a ideia de que o Sporting de Braga ordenou ou ligou melhor o seu jogo, quando, quanto a nós, os bracarenses agiram nesse aspecto, mais por consentimento dos seus adversários, bem colocados nos seus lugares, do que por mérito da sua estrutura de jogo.

Onde os bracarenses actuaram de molde a confundir a equipa do Vitória, foi na sua própria defesa. Aí, seguindo a táctica de destruirem de qualquer maneira, a bem ou a mal, é que jogaram dentro do seu próprio plano. Porém a valia do ataque vimaranense, superiorizando-se à defesa de Braga, veio na mesma ao de cima, possibilitando o resultado final do encontro, dado por toda a crítica como verdadeiramente justo.

Foi esta a ideia breve com que ficamos deste jogo.

*

Jogo realizado no Campo da Amorosa, debaixo da arbitragem de Eduardo Gouveia, de Lisboa, tendo o *Vitória* alinhado com Sebastião, Daniel e Abel; João da Costa, Silveira e Vaz; Bártolo, Edmur, Ernesto, Carlos Alberto e Rola; e o *Braga* com Nogueira, José Maria e Armando; Passos, Calheiros e Trenque; Rafael, Ferreirinha, Teixeira, F. Mendonça e José Maria II. Os golos do Vitória foram marcados por Ernesto (2) e Edmur e o do Braga por Rafael.

* * *

Hoje o Vitória vai ao Estádio das Antas defrontar o F. C. do Porto. Encontro do maior interesse, quando, para mais, os vimaranenses se encontram presentemente com um ponto a maior sobre os tripeiros. E' *jogo de perder*, no dizer da gíria, mas pode ser também luta confirmativa da real capacidade actual dos vimaranenses, que bem podem demonstrar que não é por acaso que acupam o lugar mais elevado do torneio. Sòmente desejamos que os adeptos locais saibam acompanhar a equipa e dar-lhe aquele apoio que lhe testemunhe verdadeira confiança nos seus recursos. Isto seja qual for o resultado — bom ou mau...

L. R.

# ASPECTOS e curiosidades do «Vitória-Braga»

Não foi necessário muito tempo para que o Sporting de Braga manifestasse a intenção que trazia para o jogo. Logo no primeiro lance *Carlos Alberto* sofreu um violento pontapé num joelho, que foi como um aviso: a palavra de ordem entre os nossos adversários era a de não deixar jogar — a todo o custo.

— O decorrer do encontro confirmou plenamente este raciocínio. A defesa do Sporting de Braga usou todos os meios, «regida» por um verdadeiro mestre na arte de provocar faltas: *Osvaldo Trenque*. Não exageraremos se dissermos que o Argentino, agora ao serviço do Braga, deve ter batido um record de faltas cometidas durante um só jogo.

— Por tudo isto e, especialmente, pela ansiedade obrigatória em jogos entre os dois velhos rivais, não podia exigir-se ao Vitória uma exibição calma, ordenada, proporcionadora de bom futebol. Daí o não estarmos inteiramente de acordo com algumas apreciações de desagrado ouvidas no final do jogo e dirigidas à actuação da equipa local.

— Sim porque, embora apreciemos bom futebol e reconheçamos que o jogo com o Belenenses foi, nesse aspecto, acentuadamente mais brilhante, não deixamos de ficar satisfeitos com a equipa do Vitória. E' que ficou no domingo demonstrado que o conjunto, sabendo jogar futebol apenas pelo futebol, também se impõe quando se torna necessária a conquista de pontos através de luta viril, a exigir força física, ânimo e destemor. — Predicado bem importante, num Torneio longo e exigente como é este da I Divisão.

— A acção de *Ernesto* neste Vitória-Braga merece, sem favor, uma referência especial. Com efeito, o nosso brioso avançado-centro foi de uma utilidade notável: tècnicamente colaborou da melhor forma nos lances mais bem urdidos do ataque e fez dois golos; no plano de aplicação ao jogo, fala por si este facto — Ernesto perdeu 3,200 Kg. de peso durante o encontro!!

— No aspecto de poder físico, toda a equipa do Vitória nos surpreendeu agradàvelmente. De um modo geral os seus atletas suportaram 90 minutos duma luta verdadeiramente exigente, não denunciando, nem mesmo no declinar do encontro, quebra de poder.

— Este facto e a circunstância altamente esclarecedora do Vitória ter feito, nos três últimos jogos, mais golos no 2.º período do encontro que no primeiro, provam, iniludìvelmente, que a acção do preparador físico da equipa — **José Herlânder de Freitas** — está a dar os seus frutos. Prémio bem merecido para quem tem dedicado aos problemas da educação física uma esclarecida atenção, com tenacidade invulgar, que nem a incompreensível «alergia» do meio pela ginástica tem conseguido vencer. Parabéns, **Herlânder Freitas.**

— O Trio Brasileiro do Vitória averbou, para o seu activo, mais 3 golos — tantos quantos se marcaram. Confirmam-se, pois, todas as previsões e já não pode duvidar-se estarmos em presença dum conjunto capaz de resolver muitos jogos. Terá de contar-se, no entanto, com as «cautelas» especiais que os nossos futuros adversários colocarão em volta dessas pedras da nossa equipa. Não será fácil a sua vida por esses campos fora, não!

— Não há dúvida: o Vitória teve este ano a felicidade que muitas vezes lhe faltou nas aquisições: *Edmur* e *Carlos Alberto* eram os interiores de que o ataque carecia — *Vaz* o médio com as características exactas que a meia-defesa estava a pedir.

— De todos estes aspectos sugeridos pelo «derby Minhoto» pode concluir-se que a nossa equipa representativa está de posse das condições necessárias para marcar boa presença na temporada em curso. Assim a sorte não lhe volte as costas e não surjam deslumbramentos demasiados.

FERNANDO RORIZ.




— Que me dizes do Edmur e do Carlos Alberto? ...
— Digo-te que o Ernesto é muito... BOM! ...

IMPORTAÇÃO FIBRATEX EXPORTAÇÃO
GUIMARÃES · PORTUGAL
**FAUSTINO CARVALHAL**
Rua da Rainha, 61-1.º D.to
End. Telegráfico
Telegramas: FIBRATEX — GUIMARÃES
Importador e distribuidor exclusivo, em Portugal, das fibras artificiais LANITAL «S» e VITALAN.
FIOS DE: algodão, mistos, fioco, Lanital e Vitalan.
473

**Fábrica de Curtumes**
**Autorizada a instalar em Guimarães para fabrico de atanados, solas, seleiros, tamanca, calfes, vernizes, etc. Bom negócio e de bom futuro, com facilidades de pagamento.**
**Nesta redacção se informa.** 542

RESTAURANTE DO CENTRO TRANSMONTANO
*Em tudo diferente, em tudo melhor, mas a preços normais.*
Serviços de Restaurante e Sneck-Bar.
Salão de Chá com Parque Infantil.
Sala independente para Banquetes.
No coração da cidade do PORTO, no 8.º andar do Palácio do Atlântico. 4 elevadores. Telef. 32302.
444

**VAI PARA ÁFRICA?**
Passagens rápidas e económicas, com carta ou caução
"INTERCONTINENTAL"
8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20255 — PORTO
*Passagens aéreas e marítimas. Passaportes. Vistos. Câmbios*
514

**A excursão a Evora para o Lusitano-Vitória**

Já se registaram as primeiras marcações de lugares para esta viagem ao Alentejo, organizada pelo Vitória e pela Empresa Rodoviária do Minho.

Como já anunciámos, o custo da viagem é de Esc. 120$00. A partida está marcada para a 6.ª-feira, dia 24 do mês corrente, pelas treze horas, e o regresso será na 2.ª-feira seguinte, à tarde, depois de se passar a noite de domingo em Lisboa.

**Ofertas e Procuras**

***Terrenos*** *Vendem-se* na Avenida Conde de Margaride, um com cerca de 440 metros, outro cerca de 282 metros. Falar com D Isaura Vinagreiro — Rua D. João I, n.º 13 — Guimarães. 4a7

**Vendedores para Africa** Precisam-se para as Províncias de Angola e Moçambique, de elementos com reconhecida competência e com idade de 25 a 35 anos. Escrever ao n.º 525. Guarda sigilo estando empregado. 525

**Alugam-se** Duas salas e duas lojas, próprias para escritórios, armazéns, ateliers, etc. A redacção informa. 396

**Casa no Toural** Alugam-se salas ou andares, próprios para consultórios, etc. Informações: Rua Egas Moniz, 117 — Guimarães. 510

**Aos estudantes**
Recebem-se dois estudantes, de preferência meninas, em casa séria. Aceitam-se alunos para admissão aos liceus. Pedir informações na Sociedade de Azeites Moura Lid.ª — Avenida Conde Margaride — Guimarães. 520

**Aos estudantes** Em casa particular e de confiança, dá-se pensão a duas meninas ou meninos estudantes. 470

**Aluga-se** uma casa na Avenida Conde de Margaride. Falar na Casa do Proposto. 513

**Alugam-se** 3 grandes lojas para armazéns ou estabelecimentos comerciais, no centro da cidade e com óptimo recinto para descarga.
Informa-se na Casa dos Laranjais — Guimarães. 524

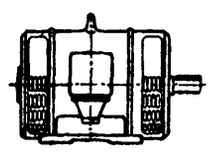
**SALA** no centro da cidade, em bom edifício, em óptimas condições para escritório ou consultório médico, aluga-se.
Falar na Rua de Santo António, n.º 87. 501

**ENCARRETADEIRAS** Vendem-se 4, em bom estado de funcionamento. Para ver e tratar na Companhia de Fiação e Tecidos de Guimarães. 526

***Anúncio*** Aos Hotéis, Pensões e Casas de Pasto. Vende-se um fogão em estado de novo. Falar com Faustino de Castro, Praça da República em Vizela. 523

**20.000$00** Emprestam-se, por hipoteca, ao juro da lei. Assunto sério e muito confidencial. Informa-se por favor na Rua de Gil Vicente, 73. 541

**Explicações** De francês e português (1.º, 2.º e 3.º ciclos) e latim (6.º ano). Explicador habilitado com o curso de Filologia Românica.
Dão-se informações na *Livraria L. Oliveira & C.ª*. 557

BOBINAGENS DE MOTORES ELÉCTRICOS

J. MONTENEGRO
GUIMARÃES 398

Assinai o NOTÍCIAS de GUIMARÃES